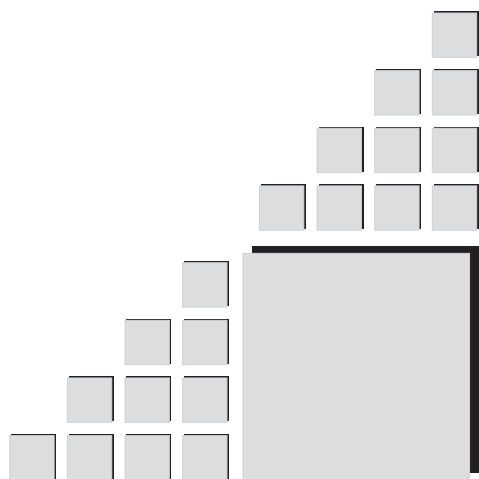


GOVERNO DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO
SECRETARIA DE ESTADO DE ECONOMIA E PLANEJAMENTO - SEP
INSTITUTO JONES DOS SANTOS NEVES - IJSN

PANORAMA ECONÔMICO

Espírito Santo IV Trimestre 2009



FEVEREIRO 2010

Sumário Executivo

A economia mundial no ano de 2009 foi marcada por considerável disparidade no que diz respeito ao crescimento econômico dos países, uma vez deflagrada a crise financeira internacional de 2007-2008. Em particular, dados referentes a esse período apontam para diferentes velocidades de recuperação dos países: se algumas regiões permanecem na mais profunda recessão, outras vem apresentando um padrão de rápida recuperação.

No ano que passou, o Produto Interno Bruto (PIB) gerado pelo mundo registrou uma queda de -0,8% em comparação com o ano anterior, segundo o Fundo Monetário Internacional (FMI). De certo modo, esse resultado possui uma conotação positiva em relação as expectativas inicialmente projetadas para 2009, pois foi produzido em meio a pacotes de estímulos econômicos.

O modelo de recuperação apresentado pelos países até o momento sustenta um padrão de crescimento em "W", onde, após um momento de recuperação, uma nova contração da atividade econômica pode vir a ocorrer. A possibilidade de que esse segundo tipo de recuperação ocorra tem permeado as preocupações dos analistas do cenário mundial no momento. Nesse sentido, os principais pontos de apreensão tem sido a reforma do sistema financeiro, os grandes *déficits* fiscais dos governos, a política monetária dos Bancos Centrais e a escalada do desemprego.

Segundo a consultoria *Rosenberg & Associados*, o pior período da crise aparentemente passou, embora ainda haja possibilidade de surgimento de novos problemas, especialmente no caso da economia americana, uma vez que o volume de ativos podres existente nesse mercado ainda não foi completamente extinto. De acordo com essa consultoria, embora a probabilidade de ocorrência de uma nova crise nos moldes da crise de 2008 seja relativamente baixa, é provável que ocorra um forte processo de reprecificação de ativos a partir de 2010 como forma de garantir uma volta ao equilíbrio macroeconômico pré-existente no cenário internacional¹.

A reforma do sistema financeiro tem gerado ampla discussão por parte dos países e instituições financeiras, uma vez que a crise expôs diversas fragilidades nas formas de regulação e supervisão das relações nos sistemas financeiros nacional e internacional. Quanto aos volumosos *déficits* fiscais gerados ao longo do último ano, principalmente no caso dos países desenvolvidos, o FMI

¹ Palestra proferida durante encontro do Grupo Permanente de Acompanhamento Empresarial do Espírito Santo (GPAE), ocorrido em 28/01/2010 e organizado pela consultoria *Vieira & Rosenberg Associados*. Disponível em: <http://www.vieiraerosenberg.com.br/img/Seminarios/geral/2009%2001%2028%20Vitória.ppt>.

acredita que a média da relação "dívida/PIB" das economias avançadas que fazem parte do G-20 deve subir para 118% em 2014, um valor nitidamente acima dos 78% registrados em 2007. Por outro lado, no caso do grupo dos emergentes, esse índice não deve ultrapassar 40%, um resultado que gera maior segurança em relação ao cenário macroeconômico futuro desses países.

A política monetária dos Bancos Centrais tem sido motivo de preocupação por conta da decisão relacionada ao melhor momento para que se retirem das economias os incentivos financeiros injetados ao longo do período de crise. A importância dessa discussão reside no fato de que a retirada precoce de recursos pode provocar uma nova recessão, ao invés de uma desaceleração no ritmo de recuperação. Adicionalmente, as taxas de desemprego vem crescendo em diversos países. No caso das economias desenvolvidas, esse aumento do desemprego acaba tornando necessário um maior grau de flexibilização do mercado de trabalho, seja em termos de emprego ou de salário.

Uma situação que demonstra que o sistema financeiro internacional ainda se apresenta fragilizado, não totalmente recuperado dos efeitos adversos da crise, equivale ao recente evento de declaração de moratória da empresa de investimento do governo de Dubai, ocorrido em novembro, que abalou o mercado financeiro global, ainda que em escala menor do que inicialmente previsto.

Para o ano de 2010, há um cenário de otimismo, traçado por alguns analistas, que se baseiam na aceleração registrada para o PIB dos Estados Unidos ao longo dos dois últimos trimestres. Apenas no quarto trimestre de 2009, a economia americana apresentou um crescimento de +5,7%, superando a previsão de +4,8%. Entretanto, alguns problemas ainda não solucionados podem ocasionar uma possível recaída dessa economia.

A economia desse País fechou o ano de 2009 com uma retração de -2,4%, o que corresponde a maior queda dos últimos 63 anos. Esse resultado contradiz as expectativas de um ano antes, época da posse do presidente americano Barack Obama. Em particular, o maior êxito atribuído a esse governo até o momento relaciona-se às situações por ele evitadas, como ocorrência de uma depressão econômica em larga escala e de um possível colapso do setor financeiro. Por outro lado, a situação corrente não se apresenta favorável a esse presidente como há um ano, conforme demonstrado por sua queda de popularidade, de 70% no período de sua posse para 50%, no início do ano de 2010.

De fato, a recuperação da economia americana parece estar em seu estágio inicial, embora venha mostrando um padrão sustentado, com crescimento moderado dos gastos das famílias desde o terceiro trimestre de 2009, favorecido por um programa de incentivos governamentais ligados principalmente ao setor automotivo. As vendas de imóveis nesse país também vem aumentando, embora gastos desse tipo ainda estejam limitados pelo crescimento modesto da renda, pela baixa oferta de crédito e pelo elevado nível de desemprego vigente na economia atualmente, em torno de 10%. Por outro lado, vale ressaltar, a regulação do sistema financeiro representa, de fato, uma barreira à sustentação da retomada do crescimento econômico. Vem sendo afirmado pelo próprio presidente americano que a estabilidade a longo prazo desse sistema não pode ser assegurada sem antes ocorrer um amplo processo de regulação.

No ano de 2009, a China apresentou um crescimento de +8,7% devido principalmente ao incremento dos investimentos domésticos, o que coloca esse país em uma posição muito próxima a do Japão como segunda maior economia do mundo. O desenvolvimento do consumo interno em economias emergentes, como a chinesa, tem servido para mudar o perfil de crescimento desses países, que antes eram extremamente voltados para o comércio exterior.

Em particular, os estímulos econômicos fornecidos pelo governo chinês, da ordem de US\$ 173 bilhões para serem gastos até o final de 2010, e a desvalorização da moeda local em relação ao Dólar gerou no mercado internacional o receio de que o *Yuan* venha a ser alvo de forte especulação. Entretanto, o governo já começou a tomar algumas providências para evitar uma explosão da oferta de crédito e moeda, uma vez que, por conta da intensidade de recuperação e devido ao receio de pressões inflacionárias, o governo chinês reduziu a meta de crescimento dos empréstimos bancários em 2010, de +32% em 2009 para +18%, em 2010, ao mesmo tempo em que elevou as taxas de recolhimento dos compulsórios. Assim, em 2010, o crescimento dos investimentos públicos chineses deve ocorrer de forma mais moderada, embora o desenvolvimento de grandes projetos de infraestrutura aprovados e iniciados no último ano continue. Um outro temor que também se faz presente nessa economia é de que, com o fim dos incentivos financeiros, ocorra uma insuficiência de demanda interna e externa frente à capacidade produtiva local.

Em meio a esse contexto, o grupo de países conhecidos como BRIC (Brasil-Rússia-Índia-China) possui uma série de características favoráveis em comum, como o fato de terem uma situação política estável, uma economia sólida e por favorecerem atividades relacionadas ao segmento de exportação. Entretanto, nesse cenário de crise, ocorre certo grau de disparidade entre as condições econômicas de cada um desses países, fato que pode ser constatado pelas distintas situações de países como Índia e Rússia, por exemplo. Mais precisamente, enquanto o primeiro país registrou um crescimento estimado de +7,2% no ano de 2009, o segundo exibiu um padrão de contração de -7,9% ao longo do mesmo período.

A economia russa sofreu com a crise econômica principalmente por conta de sua alta dependência das exportações de combustíveis, que representam 60% do faturamento desse país. Entretanto, o país termina o ano de 2009 com uma contração de PIB inferior ao que era estimado pelo próprio governo russo, em função da desaceleração das taxas de contração observadas, fato percebido no último trimestre do ano.

Outras economias que também sofreram inicialmente com a crise e que tem mostrado sinais de melhora são Japão e os países da União Européia. Apesar dessas regiões terem apresentado padrões de recuperação nas exportações e na produção industrial, esses movimentos acabaram não sendo suficientes para incentivar a recuperação da demanda doméstica, fazendo com que o consumo permaneça fraco, tornando lenta a expansão da atividade econômica como um todo. O Japão ainda apresenta problemas graves como a deflação, que, em 2009, ocasionou uma queda de -1,3% nos preços e o desemprego, atualmente situado no pior nível dos últimos seis anos.

Os países da América Latina e Caribe, por sua vez, têm mostrado sinais de estabilização e recuperação. Há exemplos de países que sofreram com a retração no turismo, conforme foi o caso daqueles localizados na América Central e Caribe, enquanto que, em outros, a retração das exportações representou o principal canal de contágio da crise, dada a importância do comércio externo em suas economias (Argentina, Brasil, Chile, Colômbia, México, Peru e Venezuela). Na maioria dessas economias, a intensidade dos choques macroeconômicos acabou sendo mitigada por políticas monetárias e fiscais anticíclicas implementadas pelos governos locais, ou por conta de um grau de flexibilidade relativamente alto do setor financeiro, devido ao baixo volume de crédito nessas economias e devido à utilização da taxa de câmbio como instrumento de absorção de choques externos. No segundo semestre de 2009, a situação desses países acabou melhorando ainda mais em função da recuperação verificada para os preços das *commodities*, dada a predominância de atividades de exportação nesse grupo.

Em meio a esse contexto de crise, o Brasil acabou consolidando sua posição no cenário mundial, com o governo nacional tendo atuado de forma ágil e eficiente para sanar os problemas oriundos da recessão. Assim, o país foi uma das últimas economias a entrar na recessão e, ao mesmo tempo, uma das primeiras a se recuperar da mesma. Por exemplo, de acordo com dados divulgados na última reunião do Comitê de Datação de Ciclos Econômicos (CODACE) do Instituto Brasileiro de Economia da Fundação Getúlio Vargas (IBRE-FGV) (realizada em dezembro de 2009), o País, apesar de ter passado por um período de recessão durante o início do ano, encontra-se atualmente em uma fase de expansão econômica. De acordo com o boletim divulgado por esse órgão, a recessão durou cerca de dois trimestres (quarto trimestre de 2008 e primeiro trimestre de 2009), tendo ocorrido uma redução de -3,8% no produto real ao longo desse período, o que gerou uma redução média de cerca de -1,9% por trimestre. A tabela 1 abaixo resume esses resultados:

Tabela 1 - Cronologia Trimestral dos Ciclos de Negócios Brasileiros – Duração e Amplitude

Período	Recessão			Expansão			
	Duração em trimestres	Cresc. % acumulado	Cresc. % Trimestral médio	Período	Duração em trimestres	Cresc. % acumulado	Cresc. % Trimestral médio
Do 4º trimestre de 2008 ao 1º trimestre de 2009	2	-3,8%	-1,9%	Desde o segundo trimestre de 2009*	-	2,4%	1,2%

* Dados relativos ao segundo e ao terceiro trimestre de 2009.
Fonte: Boletim CODACE. IBRE-FGV, dez.2009, 5p.

Por outro lado, desde o segundo trimestre de 2009, a economia brasileira vem registrando um crescimento acumulado de +2,4%, o que sinaliza, no caso, dois pontos importantes: primeiro, o menor impacto relativo da crise no Brasil em comparação à ampla maioria dos países desenvolvidos (conforme citado em edições anteriores do *Panorama*); segundo, a retomada de um padrão de crescimento no País, embora nesse sentido, persistam dúvidas quanto a sua sustentação à frente.

No início do ano de 2009, a expectativa com relação ao futuro econômico do Brasil parecia pouco promissora, pois a crise econômica encontrava-se em seu auge. No primeiro trimestre, o país confirmava a entrada em um período de recessão, com a contração do PIB. Entretanto, os períodos seguintes demonstraram uma retomada do crescimento e a previsão dos organismos internacionais é de que o País termine o ano de 2009 com um saldo nulo, ou próximo deste resultado. De fato, as perspectivas para o ano de 2010 são positivas para a maior parte dos países e regiões do mundo, segundo os principais organismos internacionais, embora ainda persistam diferenças em termos de magnitudes e impactos da crise.

Para o mundo como um todo, a projeção da Organização das Nações Unidas (ONU) é de uma expansão de +2,4%, enquanto que o FMI estipulou uma elevação de +3,9% para 2010. Conforme estimativas da ONU, os Estados Unidos deverão crescer cerca de +2,1%, a União Européia +0,6% e o Japão +0,9%. No mundo em desenvolvimento, o crescimento estimado é de +5,3% em 2010, contra um registro de +1,9% de expansão em 2009. As economias da Índia e da China deverão ser aquelas que registrarão maior progresso, com aumentos previstos de +8,8% e +6,5%, respectivamente. Por sua vez, os países da América Latina tem um crescimento estimado de +3,4% em 2010, sendo +3,6% a estimativa para o Brasil.

No caso brasileiro, alguns fatores propiciaram esse padrão de recuperação, como o retorno do fluxo de investimentos estrangeiros diretos (IED) e a expansão fiscal e do crédito. O aquecimento da demanda interna também favoreceu essa situação, com a retomada do crescimento do consumo das famílias, sustentado pelo aumento das transferências de renda do governo, uma postura de desoneração tributária, a retomada do mercado de trabalho e a reconstituição da oferta de crédito.

Em 2009, a balança comercial brasileira registrou saldo positivo de R\$ 44 bilhões, apontando para um crescimento de +1,5% sobre o *superávit* de 2008. O somatório das exportações superou os R\$ 264 bilhões e as importações totalizaram R\$ 222 bilhões. Esses números, apesar de mostrarem um resultado positivo, apontam para uma desaceleração da corrente de comércio no ano de 2009 em relação a 2008, de cerca de -24%.

Em termos de produção industrial, o País sofreu uma retração de -7,4% em 2009, a maior queda registrada desde 1990. Essa queda na atividade industrial teve um efeito setorial generalizado, com o principal fator determinante para esse resultado tendo sido a crise global e seus efeitos sobre as expectativas dos empresários e a demanda externa de manufaturados e *commodities* minerais. Embora o impacto da crise na indústria tenha se concentrado no último trimestre de 2008 e primeiro trimestre de 2009, o setor aparenta ainda não ter se recuperado totalmente da forte retração que sofreu no período recente.

Já o mercado de trabalho nacional termina o ano de 2009 com um total de 995 mil postos de trabalhos criados, demonstrando uma contração de -31,5% em relação ao volume registrado no ano de 2008. Apesar da retração, esse resultado é tido como positivo porquê representa um crescimento continuado no número de empregos gerados ao longo do ano, salvo o mês de dezembro, caracterizado por apresentar resultados negativos, por conta de efeitos sazonais típicos de final de ano.

Outra análise que merece destaque em 2009 é a do cenário inflacionário. Nesse ano, ocorreu uma tendência de arrefecimento dos preços, principalmente em função da queda, ocorrida no primeiro semestre, das cotações de *commodities* no exterior, o que resultou em alimentos e produtos industriais mais baratos. Esta queda da inflação favoreceu a recomposição da oferta de crédito, ao possibilitar a redução na taxa SELIC para 8,75%, uma queda de 5 p.p., comparada ao patamar onde essa variável se encontrava no início de 2009, de 13,75%.

As contas públicas do País também sofreram com os reflexos da crise econômica. De um lado, a retração da atividade econômica provocou redução nas receitas e, de outro, o governo ampliou despesas e programas de desoneração tributária a fim de estimular a economia, ocasionando uma queda no *superávit* primário brasileiro de 3,7% do PIB em 2008 para 2,1% ao longo do ano que passou.

Em relação ao estado do Espírito Santo, estimativas recentes do indicador antecedente de PIB trimestral do Estado, referentes ao terceiro trimestre de 2009 (último dado disponível) demonstram que, no caso de comparações intertrimestrais (trimestre atual contra trimestre imediatamente anterior), a economia local tem mantido um ritmo constante de crescimento (taxas em torno de +2,5% nos dois últimos trimestres). Por outro lado, no caso de comparações acumuladas (períodos acumulados do ano de 2009 contra períodos acumulados de 2008), o Espírito Santo ainda apresenta um padrão contracionista (taxa média de -5,8%). Esse último resultado decorre provavelmente do fato de que, no período anterior à crise, o Estado vinha apresentando taxas muito altas de crescimento, o que fez com que, mesmo tendo apresentado um bom desempenho nas comparações entre trimestres, ainda apresente um desempenho relativamente pior em comparações envolvendo períodos mais longos, dado o alto patamar onde a economia local se encontrava anteriormente².

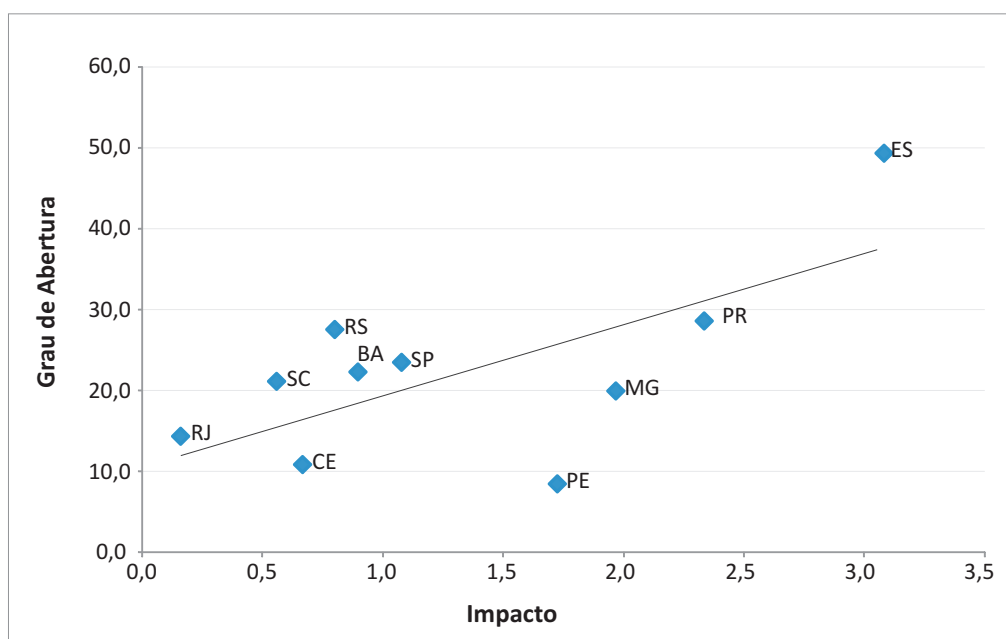
Um dos principais motivos da contração econômica sofrida pelo Estado equivale a sua elevada "taxa de internacionalização", ou seja, ao elevado grau de abertura ao comércio exterior que o Espírito Santo apresenta. Estimativas de coeficiente de abertura (exportações mais importações divididas pelo PIB nominal) para o estado do Espírito Santo ao longo do período 2004/2009³ demonstram que, ao longo desse período, a economia estadual apresentou um grau de abertura nitidamente superior às estimativas referentes ao caso nacional: enquanto o grau de abertura estimado para o Espírito Santo equivale a cerca de 49%, a média dos estados brasileiros situa-se entre 20 e 25%. Ou seja, a cada US\$ 100 produzidos no Estado, cerca de US\$ 50 (metade) são provenientes do setor externo, resultado que demonstra a maior exposição relativa do Estado ao comércio internacional. Devido a esse alto grau de exposição ao setor externo, a economia espírito santense apresenta um padrão marcadamente distinto em termos de nível de atividade, quando comparada às demais Unidades da Federação (Ufs).

² RIBEIRO, A. P. L.; MAGALHÃES, M. A. *Indicador Trimestral de PIB do Espírito Santo - Terceiro Trimestre de 2009*. IJSN, Fev.2010,10p. (Disponível em: http://www.ijsn.es.gov.br/emdestaque/Indicador_Trimestral_de_PIB_do_Espirito_Santo_Terceiro_Trimestre_de_2009.pdf).

³ MAGALHÃES, Matheus A.; TOSCANO, Victor. Estimativas de grau de abertura para a economia do Espírito Santo. *Nota Técnica n.08*, IJSN, dez.2009, 19p. (Disponível em: http://www.ijsn.es.gov.br/_databases/docsnt/nt-08.pdf).

Em média, os impactos estimados dos preços de *commodities* são relativamente mais fortes no Estado⁴. O Gráfico 1 ressalta esse fato ao relacionar o grau de abertura sobre o nível de atividades de alguns estados brasileiros e os impactos de preços de *commodities* sobre o nível de atividade de cada um desses estados a partir de um diagrama de dispersão. Adicionalmente, esse gráfico contém uma reta de regressão estimada a partir do método de mínimos quadrados ordinários (MMQO), como forma de ressaltar o ajuste da reta aos dados. No caso, pontos próximos a essa reta denotam um bom ajuste em termos empíricos, ao mesmo tempo em que o caso oposto ocorre no caso de pontos mais distantes.

Gráfico 1 - Grau de Abertura e Impacto dos Preços de Commodities sobre o Nível de Atividade Estadual



Elaboração: Rede de Estudos Macroeconômicos (MACRO)/CEE - IJSN.

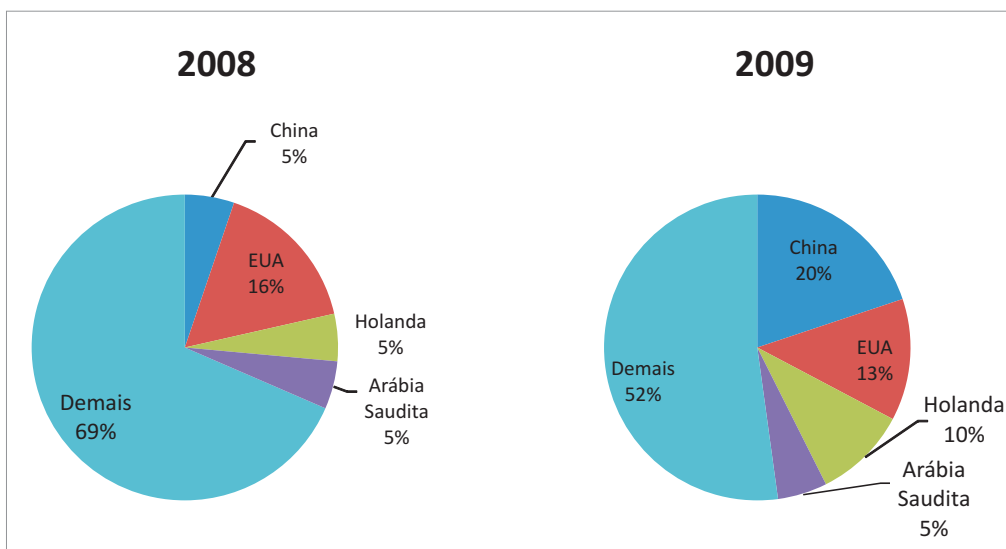
Os resultados reportados no gráfico acima demonstram que o estado do Espírito Santo apresenta um comportamento nitidamente diferenciado dos demais estados brasileiros em termos de ajuste à reta de regressão estimada. Especificamente, o Estado não apenas apresenta o maior grau de abertura dentre os estados considerados, como também exibe o maior impacto relativo de seu nível de atividade (medido a partir do índice de produção industrial estadual) em resposta a variações nos preços de *commodities*, fato decorrente da própria estrutura produtiva local, concentrada na exportação desses bens. Ao mesmo tempo em que esse resultado confirma a maior exposição relativa do Estado *vis-à-vis* as demais UFs, também demonstra que o nível de atividade local encontra-se condicionado ao desempenho dos preços de *commodities* no mercado internacional, sendo, inclusive, antecipado temporalmente por esses preços (ou seja, o que acontece com os

⁴ MAGALHÃES, M.A. *Preços de commodities e nível de atividade no Espírito Santo*. IJSN, mimeo., fev.2010, 29p.

preços de *commodities* no período atual pode vir a impactar o nível de atividade alguns períodos à frente). Esse último resultado sugere que, caso ocorra uma recuperação dos preços dos bens supracitados (conforme já vem ocorrendo), isso pode vir a se traduzir em recuperação da economia estadual.

As exportações estaduais terminaram o ano de 2009 com um decréscimo de aproximadamente -36%, em comparação com o montante total exportado em 2008. Esse resultado deve-se ao efeitos da crise internacional conjuntamente com a valorização do Dólar ocorrida no segundo semestre de 2009. Nesse contexto, vale destacar que a China consolidou-se como principal destino das exportações estaduais, seguida pelos Estados Unidos, país que perdeu participação na pauta de exportações em termos relativos⁵. O Gráfico 2 ressalta as mudanças ocorridas na pauta de exportação estadual ao longo do biênio 2008-2009. Especificamente, o gráfico da esquerda exhibe as participações em 2008, ao passo que o gráfico da direita exhibe as participações em 2009.

Gráfico 2 - Destino das Exportações do Espírito Santo



Elaboração: Rede de Estudos Macroeconômicos (MACRO)/CEE - IJSN.

Como decorrência do padrão de dependência externa supracitado, a produção industrial estadual sofreu uma pronunciada contração no início da crise financeira mundial. Por outro lado, vale notar que, a partir do terceiro trimestre de 2009, a indústria estadual apresentou um padrão de recuperação forte e sustentado, com o Estado liderando o *ranking* de crescimento industrial registrado no período, resultado decorrente principalmente da melhora dos fatores externos, que favoreceram a retomada das exportações. Esse resultado revela o caráter dual da economia local: ao mesmo tempo em que a economia do Espírito Santo é afetada pelas condições adversas do setor externo, essa economia também pode ser impulsionada por choques favoráveis nesse setor.

⁵ Entretanto, vale notar que, ao longo do período recente, a economia chinesa vem perdendo participação nas exportações estaduais. Ver, a esse respeito, TOSCANO, V.N.; MAGALHÃES, M.A. Comércio Exterior – Novembro/09. *Resenha de Conjuntura n.03*, IJSN. Vitória, Espírito Santo. Ano III, Jan.2010, 5p. (Disponível em: <http://www.ijsn.es.gov.br/databases/docs/2010-03.pdf>).

Com alguma defasagem em relação à indústria, o mercado de trabalho estadual terminou o ano de 2009 registrando um crescimento do montante de empregos formais gerados, com a criação de 19 mil novos postos de trabalho. Os setores que apresentaram um saldo acumulado positivo ao longo do ano foram os setores de serviços, comércio, construção civil e indústria de transformação.

Em suma, o ano de 2009 se encerra com a percepção geral de que o pior da crise já passou, conforme demonstrado pela maioria dos indicadores apresentados. Entretanto, faz-se necessário certo grau de cautela, uma vez que a economia mundial ainda pode exibir um padrão recessivo no curto e médio prazos (embora não da magnitude da recessão observada durante o auge da crise). Nesse sentido, a atuação dos governos nacionais e estaduais, assim como o manuseio de instrumentos específicos de política econômica e a necessidade de uma nova arquitetura financeira mundial podem vir a constituir os ingredientes básicos do processo de retomada do crescimento econômico.

Em ocasião recente, Olivier Blanchard, professor do *Massachusetts Institute of Technology* (M.I.T.) e chefe do departamento de pesquisa do Fundo Monetário Internacional (FMI), divulgou um estudo em co-autoria, onde reavalia o papel da política macroeconômica nas últimas décadas⁶. Especificamente, esse estudo tenta discutir algumas questões fundamentais relacionadas ao desenho e implementação da política econômica no contexto da crise recente. Apesar de permanecer o consenso entre economistas em relação a quais metas macroeconômicas são desejáveis no curto prazo (estabilidade de preços e manutenção do crescimento), os autores do estudo chamam atenção para formas específicas através das quais essas metas podem ser atingidas. No contexto atual, fatores como composição do produto agregado, comportamento de preços de ações e grau de alavancagem de distintos participantes do mercado passam a ser variáveis extremamente relevantes na avaliação do cenário global. Adicionalmente, segundo Blanchard, a combinação de instrumentos de política monetária e de regulação pode ser fundamental para a administração dos efeitos adversos decorrentes da crise recente.

⁶ BLANCHARD, O.J.; DELL'ARICCIA, G.; MAURO, P. *Rethinking macroeconomic policy*. FMI, fev.2010, 20p. (disponível em: <http://www.imf.org/external/pubs/ft/spn/2010/spn1003.pdf>).

Instituto Jones dos Santos Neves

Coordenação Geral

Ana Paula Vitali Janes Vescovi
Diretora-presidente

Coordenação de Estudos Econômicos

Matheus Albergaria de Magalhães

Equipe Técnica

Anna Claudia Aquino dos Santos Pela
Anna Paula Lage Ribeiro
Jessica Siqueira Rangel
Josiene Freire Rocha
Jussara Maria Chiappane
Matheus Albergaria de Magalhães
Roberto Paula de Freitas Campos
Victor Nunes Toscano

Editoração

João Vitor André

Revisão

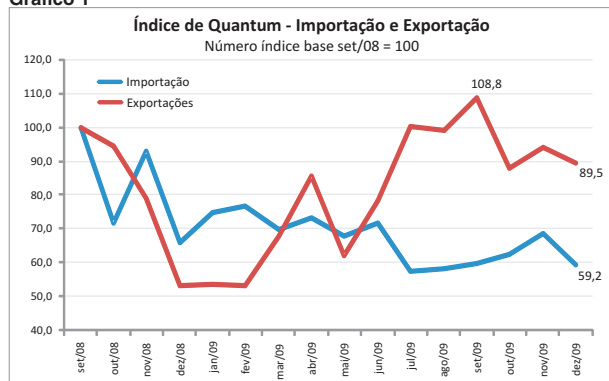
Anna Paula Lage Ribeiro
Jessica Siqueira Rangel
Manoela Baiocco Andrade
Matheus Albergaria de Magalhães
Victor Nunes Toscano

Índice

Comércio Exterior	12
Produção Industrial	14
Mercado de Trabalho	16
Produtividade Industrial	19
Consumo e Investimentos	21
Preços	23
Política Monetária e Creditícia	25
Finanças Estaduais	27
Expectativas	29

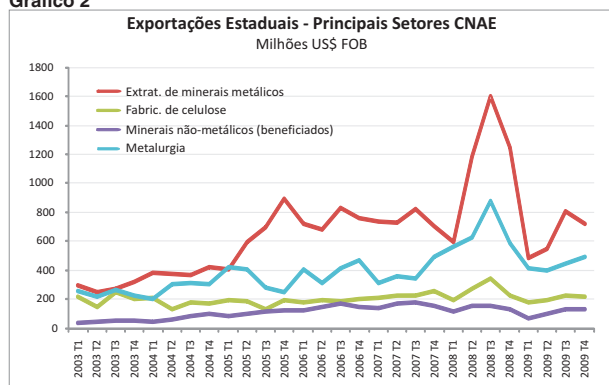
COMÉRCIO EXTERIOR

Gráfico 1



Fonte: SECEX, MDIC.
Elaboração: IJSN - Coordenação de Estudos Econômicos.

Gráfico 2



Fonte: SECEX, MDIC.
Elaboração: IJSN - Coordenação de Estudos Econômicos.

O balanço dos indicadores de comércio exterior, ao longo do ano de 2009, deve ser analisado à luz dos efeitos adversos da crise internacional sobre as economias mundial e local. Nesse sentido, comparando o ano de 2009 com 2008, ano em que economia estadual estava em plena expansão e os preços internacionais atingiam níveis recordes (no período pré-crise), nota-se um claro padrão de ruptura no desempenho do comércio exterior. Por conta disso, os principais indicadores de comércio internacional apresentaram taxas negativas, acima de -35%, com destaque para a queda de -45,11% no volume importado, a maior redução registrada ao longo do ano. As exportações estaduais, por sua vez, fecharam 2009 com um montante de US\$ 6,51 bilhões, valor nitidamente inferior ao bom resultado alcançado em 2008 (US\$ 10,10 bilhões) (Tabela 1).

Apesar do forte impacto inicial, a economia estadual demonstrou, ao longo do ano de 2009, notáveis sinais de recuperação. A retomada das exportações, conjugada ao aumento da produção industrial, sustentou o argumento de que a pior fase da crise já passou. Comparando o primeiro trimestre do ano com o quarto trimestre, o crescimento das exportações foi de +29,10%, um aumento aproximado de US\$ 450 milhões durante esse período. As importações ainda mantiveram os resultados negativos observados ao longo do ano, indicando um padrão de recuperação nos últimos meses de 2009, em particular no mês de dezembro, com crescimento de +9,63% do valor importado pelo Estado (Tabelas 1 e 2). Vale lembrar que movimentos no volume importado por uma economia tendem a refletir diretamente variações ocorridas no nível de renda interna.

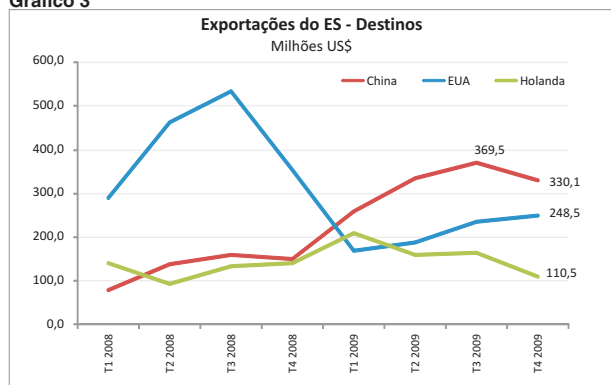
No caso das exportações, o crescimento do índice de valor, entre o primeiro e o quarto trimestres de 2009, foi impulsionado principalmente pelo aumento de +44,44% na quantidade exportada, resultado que compensou a queda de -15,77% nos preços das exportações nesse mesmo período. No caso das importações, na mesma base de comparação, a queda registrada foi de -15,25% no índice de *quantum*, resultado que puxou o valor total das importações estaduais para baixo (-12,22%) (Tabela 2).

Tabela 1 - Resultados do Comércio Exterior - Espírito Santo

	US\$ Bilhões				Variações (%)	
	2008	2009	T1 2009	T4 2009	T4/T1	2009/2008
Principais Resultados						
Exportações	10,10	6,51	1,34	1,79	↑ 29,10	↓ -43,91
Importações	8,61	5,48	1,65	1,46	↓ -12,22	↓ -45,11
Saldo Comercial	1,49	1,03	-0,31	0,33	↑ 205,25	↓ -37,24
Corrente de Comércio	18,71	11,99	2,99	3,25	↑ 8,40	↓ -44,46
Exportações - Fator Agregado						
Básicos	5,36	3,08	0,57	0,84	↑ 47,19	↓ -42,56
Manufaturados	1,27	1,43	0,32	0,38	↑ 18,30	↑ 12,55
Semimanufaturados	3,27	1,84	0,42	0,52	↑ 25,02	↓ -43,85
Consumos de bordo	0,20	0,17	0,03	0,05	↑ 62,88	↓ -16,23
Exportações - Setores CNAE 2.0						
Extr. de min. metálicos	4,63	2,56	0,49	0,72	↑ 48,91	↓ -44,59
Metalurgia	2,65	1,74	0,41	0,49	↑ 19,47	↓ -34,18
Fabricação de celulose	1,04	0,82	0,18	0,22	↑ 22,81	↓ -20,69
Min. não-metálicos (beneficiados)	0,55	0,43	0,07	0,13	↑ 95,28	↓ -21,91

Fonte: SECEX, MDIC.
Elaboração: IJSN - Coordenação de Estudos Econômicos.

Gráfico 3



Fonte: SECEX, MDIC.
Elaboração: IJSN - Coordenação de Estudos Econômicos.

Gráfico 4



Fonte: SECEX, MDIC.
Elaboração: IJSN - Coordenação de Estudos Econômicos.

De acordo com a evolução do índice de *quantum*, com base em setembro de 2008, a quantidade exportada ao final de 2009 estava bem próxima ao montante comercializado no período anterior à crise internacional. O mesmo não ocorreu com as importações, cujas quantidades comercializadas caíram abruptamente, mantendo-se em níveis 40% inferiores àqueles verificados no período pré-crise (Gráfico 1).

O segmento de produtos básicos liderou a retomada das exportações estaduais, registrando crescimento de +47,19% no montante exportado, em relação ao primeiro trimestre do ano. Apesar disso, no acumulado de 2009 contra 2008, as exportações dos produtos dessa categoria apresentaram a segunda maior queda, de cerca de -43%. Destaca-se o desempenho do segmento de produtos manufaturados que, mesmo com o advento da crise financeira, não sofreu impactos significativos no volume exportado, registrando alta de +12,55% no indicador anual e de +18,30% na comparação com o primeiro trimestre do ano (Tabela 1).

Em termos de setores de atividade econômica, destaca-se a retomada do crescimento das exportações dos setores de minerais não-metálicos (+95,28%), puxado pelo setor de rochas ornamentais, que havia perdido mercado com o estancamento do fluxo comercial com diversos países, ocorrido no auge da crise financeira. No que diz respeito aos dois principais setores exportadores do Espírito Santo, *Extração de minerais metálicos* e *Metalurgia*, ocorreu um padrão de recuperação durante o ano de 2009, crescendo cerca de +48,91% e +19,47%, respectivamente. Este resultado foi impulsionado pela forte demanda por minério de ferro e aço da China, país que, segundo o *Escritório de Estatísticas de Aço e Ferro* (ISSB, sigla em inglês), ocupa atualmente o posto de maior importador líquido de aço do mundo (Tabela 1 e Gráfico 2).

A China permaneceu como principal parceiro comercial do Estado em 2009, com 20% de participação na pauta de produtos exportados, seguida pelos Estados Unidos (13%), com recuperação lenta, porém consistente ao longo do ano. Destaque para o arrefecimento das exportações estaduais destinadas a China que, durante o quarto trimestre do ano, perderam fôlego (US\$ 330,1 milhões no quarto trimestre contra US\$ 369,5 milhões no terceiro trimestre), possivelmente, por conta do acúmulo de estoques realizado nos trimestres anteriores (Gráficos 3 e 4).

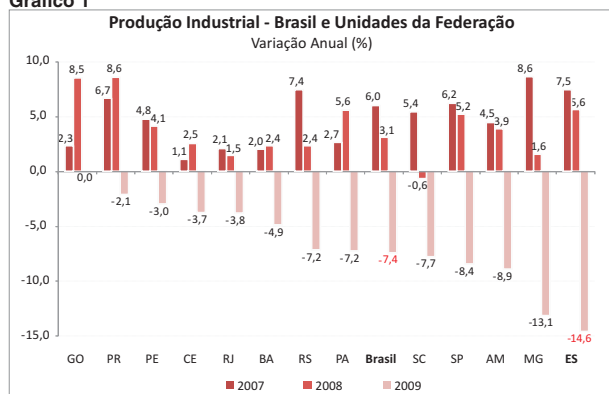
Tabela 2 - Exportações e Importações Estaduais - Preço, Quantum e Valor - Variações %

	dez/09 - nov/09	T4/T1	2008	2009
Exportações				
Preço	↑ 4,21	↓ -15,77	↑ 36,91	↓ -33,72
Quantum	↓ -5,13	↑ 44,44	↑ 1,48	↓ -8,52
Valor	↓ -0,93	↑ 29,10	↑ 38,50	↓ -43,91
Importações				
Preço	↑ 24,28	↑ 3,09	↑ 9,73	↓ -33,54
Quantum	↓ -14,65	↓ -15,25	↑ 15,28	↓ -13,08
Valor	↑ 9,63	↓ -12,22	↑ 25,95	↓ -45,11

Fonte: SECEX, MDIC.
Elaboração: IJSN - Coordenação de Estudos Econômicos.

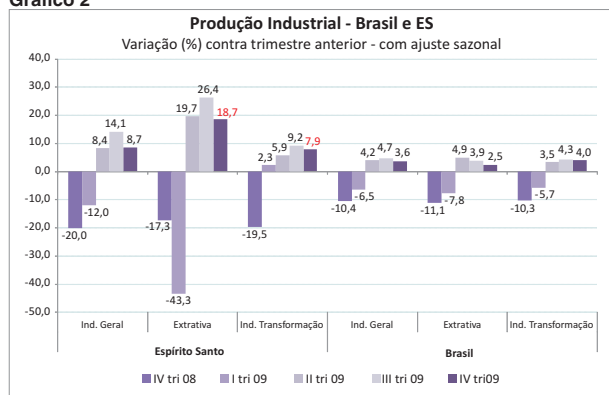
PRODUÇÃO INDUSTRIAL

Gráfico 1



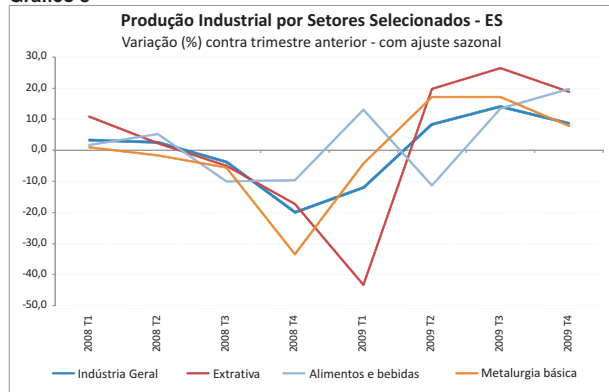
Fonte: IBGE - PIMPE.
Elaboração: IJSN - Coordenação de Estudos Econômicos.

Gráfico 2



Fonte: IBGE - PIMPE.
Elaboração: IJSN - Coordenação de Estudos Econômicos.

Gráfico 3



Fonte: IBGE - PIMPE.
Elaboração: IJSN - Coordenação de Estudos Econômicos.

O desempenho da indústria nacional, no ano de 2009, foi notadamente influenciado pelos efeitos da crise econômica mundial. No Espírito Santo, a produção industrial encerrou o ano com queda de -14,6% frente a 2008, a maior de sua série histórica e quase o dobro da média verificada para o País (-7,4%). A comparação do resultado local com o nível de produção registrado pelas demais Unidades da Federação pesquisadas pelo IBGE aponta que o Espírito Santo foi o estado que sofreu a maior retração em sua atividade industrial, refletindo a forte queda na produção de bens intermediários, ocorrida no último trimestre de 2008 e no primeiro trimestre de 2009. (Gráfico 1)

Entretanto, a comparação entre trimestres consecutivos revela que, a partir do segundo trimestre de 2009, a indústria estadual começou a apresentar sinais de recuperação em ritmo mais acelerado do que a média verificada para a indústria nacional, registrando taxas significativamente superiores às do País (Gráfico 2). Este desempenho da indústria local confirma a ocorrência de um padrão que configura um fato estilizado na economia estadual; qual seja, as oscilações de curto prazo ocorridas na economia do Espírito Santo tendem a ser, em média, mais intensas do que as oscilações ocorridas no Brasil⁷.

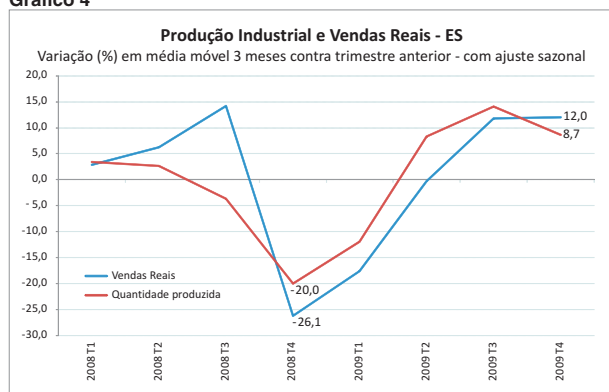
Adicionalmente, é importante notar as especificidades da estrutura produtiva local, conforme exposto na edição anterior do *Panorama*⁸. De fato, dada sua estrutura assentada na produção de bens intermediários para o mercado externo, o Estado vem se beneficiando da retomada da produção global de aço e da elevação na demanda internacional por minério de ferro e *pellets* (ver parte de *Comércio Exterior* do *Panorama*).

Neste contexto, houve expansão da produção local por três trimestres consecutivos, o que denota um padrão consistente de recuperação da atividade industrial, no período pós-crise. Com efeito, embora as indústrias extrativa e de transformação tenham apresentado retração na comparação interanual (-33,1% e -5,2%, respectivamente), há de se observar o crescimento registrado a partir do segundo trimestre, com essas indústrias encerrando os três últimos meses de 2009 com elevações de +18,7% e +7,9%, respectivamente, em relação ao trimestre anterior (Gráfico 2 Tabela 1). No caso da Indústria de Transformação, o desempenho esteve ancorado na elevação da produção de *Alimentos e bebidas* (+19,8%) e *Metalurgia básica* (+7,9%). Assim, mesmo com a paralisação para manutenção preventiva efetuada por importante planta local no quarto trimestre do ano, a produção industrial capixaba avançou +8,7% frente ao terceiro trimestre, após ajuste sazonal, um resultado superior ao dobro da média nacional (+3,6%).

⁷ MAGALHÃES, M. A.; RIBEIRO, A. P. L. Ciclos de negócios no Espírito Santo. *Texto para Discussão n.09*, IJSN, nov.2009, 37p. (Disponível em: www.ijsn.es.gov.br/databases/docstd/td-09.pdf).

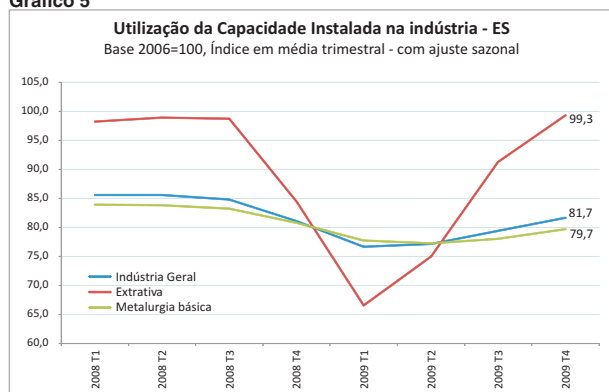
⁸ PANORAMA ECONÔMICO – Espírito Santo 2009. IJSN, n.4 (Disponível em: www.ijsn.es.gov.br/databases/docspe/pe4.pdf).

Gráfico 4



Fonte: IBGE - PIMPF e FINDES/IEL-ES.
Elaboração: IJSN - Coordenação de Estudos Econômicos.

Gráfico 5



Fonte: FINDES/IEL-ES.
Elaboração: IJSN - Coordenação de Estudos Econômicos.

A retomada da produção industrial vem sendo sustentada pela contínua elevação das vendas reais da indústria estadual ao longo de 2009. Conforme padrão descrito no Gráfico 4, o cruzamento dos dados de produção e vendas reais evidencia um pequeno acúmulo de estoques, descontados os efeitos sazonais. Entretanto, no quarto trimestre, comparativamente ao trimestre anterior, o crescimento das vendas reais da indústria (+12%), esteve acima daquele observado na produção (+8,7%), com destaque para o desempenho da extrativa mineral (+35,1%), fato que pode ser visto como um indicador positivo em termos de elevação da produção para adequação entre estoque e vendas no curto prazo, sinalizando perspectivas favoráveis para a indústria local em 2010.

A elevação no nível de utilização da capacidade instalada (NUCI) na indústria estadual, especialmente no caso da extrativa mineral, constitui outro importante indicador que aponta para recuperação da atividade industrial no Estado. Dados do Instituto Euvaldo Lodi (IEL-ES) indicam que o NUCI chegou a 82,76% em dezembro de 2009, o que representa uma elevação de +1,9% frente ao mês de novembro, após ajuste sazonal. No quarto trimestre, a utilização da capacidade da indústria foi de 81,7%, em média, elevando-se em +2,9% ante o trimestre anterior. (Gráfico 5)

Tabela 1 - Produção Industrial (ES e Brasil) - Taxa de Crescimento (%)

Atividades	Com ajuste sazonal*		Sem ajuste sazonal		
	dez09/nov09	IV Tri 09/ III Tri 09	dez09/dez08	IV Tri 09/ IV Tri 08	Acumulado no ano(1)
Brasil					
Indústria Geral	-0,3	3,6	18,9	5,8	-7,4
Extrativa Mineral	1,0	2,5	19,1	3,0	-8,8
Transformação	0,2	4,0	18,9	6,0	-7,3
Espírito Santo					
Indústria Geral	4,1	8,7	37,2	18,6	-14,6
Extrativa Mineral	7,6	18,7	55,6	1,9	-33,1
Transformação	4,8	7,9	30,6	27,2	-5,2
Alimentos e bebidas	1,5	19,8	26,5	35,7	3,9
Celulose, papel e produtos de papel	-2,0	-4,8	6,6	24,9	4,7
Minerais não metálicos	3,9	-0,2	-1,2	-9,3	-9,0
Metalurgia básica	4,5	7,9	76,2	41,5	-15,0

Fonte: IBGE.

Elaboração: IJSN - Coordenação de Estudos Econômicos.

* o ajuste sazonal para as indústrias extrativa e de transformação foi realizado pela Coordenação de Estudos Econômicos do IJSN.

(1) em relação ao mesmo período do ano anterior.

MERCADO DE TRABALHO

Gráfico 1

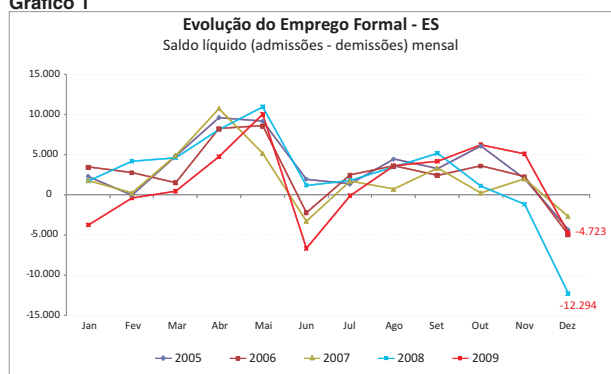


Gráfico 2

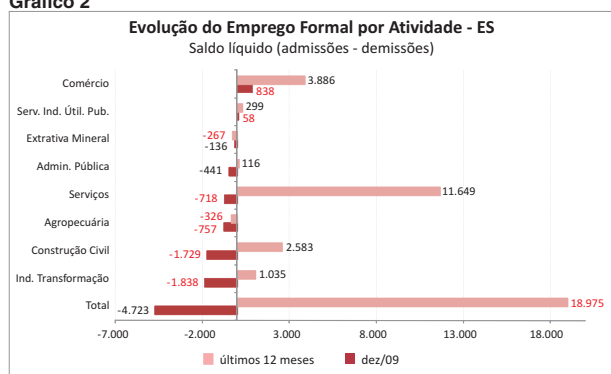


Gráfico 3

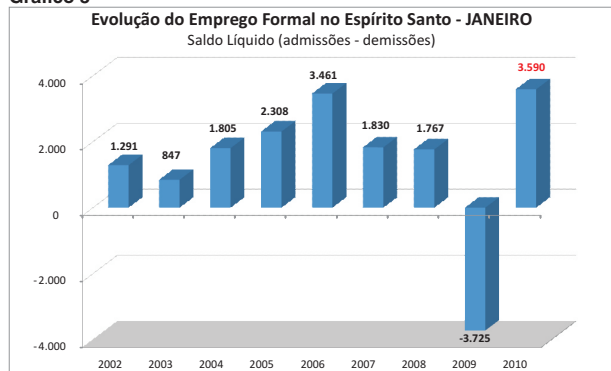
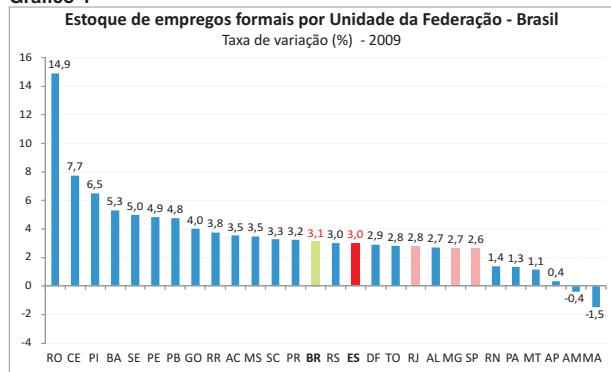


Gráfico 4



De acordo com dados do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (CAGED), tradicionalmente, nos meses de dezembro, o emprego formal registra taxas negativas de crescimento dos postos de trabalho. No Espírito Santo, em dezembro de 2009, houve redução de -4.723 postos de trabalho, em conformidade com o ajuste de mão-de-obra ocorrido em todos os Estados Brasileiros (Gráfico 1). Se comparado ao mesmo período do ano anterior, quando houve redução de -12.294 postos de trabalho, o resultado de 2009 foi nitidamente melhor⁹. Adicionalmente, vale notar que, ao longo do mês de dezembro, o Estado apresentou menor redução (-0,7%) em comparação à média nacional (-1,2%).

Setorialmente, o saldo negativo entre admissões e desligamentos foi impulsionado principalmente pelas retrações do emprego na Indústria de Transformação (-1.838), Construção Civil (-1.729), Agropecuária (-757) e Serviços (-718). Saldos positivos foram observados apenas no Comércio (+838) e Serviços Industriais de Utilidade Pública (+58) (Gráfico 2).

No balanço anual, o dinamismo do mercado de trabalho, caracterizado pelo forte crescimento do emprego formal, foi interrompido pelos efeitos da crise financeira em 2008. Em decorrência da redução na demanda por trabalho, o Estado fechou o ano de 2009 com saldo líquido de +18.975 empregos gerados. Para o período, a geração de empregos foi liderada pelos setores de Serviços (+11.649), Comércio (+3.886), Construção civil (+2.583) e Indústria de transformação (+1.035). Resultado oposto ocorreu nos setores de Extrativa mineral e Agropecuária (com perdas anuais de -267 e -326 empregos, respectivamente), setores dependentes do mercado externo e que, por conta disso, acabaram internalizando rapidamente os reflexos da crise supracitada (Gráfico 2).

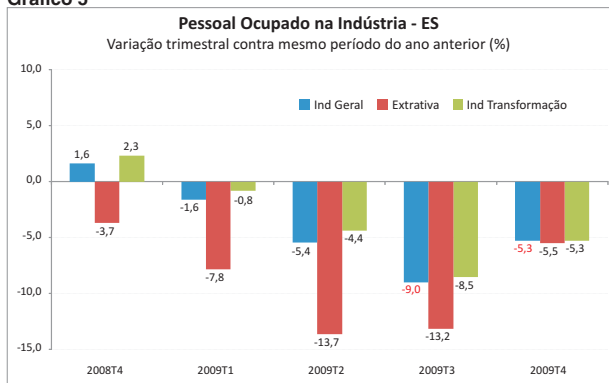
Por outro lado, o Espírito Santo registrou recorde na geração de empregos para o mês de janeiro (+3.590 novos postos de trabalho), por conta do mercado de trabalho aquecido nos setores de Serviços, Construção Civil e Indústria de Transformação. (Gráfico 3).

O gráfico 4 mostra a taxa de crescimento relativa ao estoque de empregos formais para o Brasil e Unidades da Federação no acumulado de 2009. De acordo com dados divulgados pelo Ministério do Trabalho, a região Sudeste liderou a geração de empregos celetistas em 2009, com +476.031 novos postos de trabalho. Conforme demonstrado no gráfico, o Espírito Santo apresentou crescimento de +3,0%, resultado bastante próximo à média nacional (+3,1%) e ligeiramente superior à taxa de crescimento da região Sudeste (+2,68%), quando comparado ao estoque de trabalhadores celetistas de 2008.

Em termos relativos, no quarto trimestre de 2009 houve variação positiva de +2,1% frente ao terceiro trimestre do ano, após ajuste sazonal. Quando comparado ao quarto trimestre de 2008, o crescimento no estoque foi de +1,8% (Tabela 1). Diante de perspectivas favoráveis, parece ocorrer no momento um padrão de recuperação do mercado de trabalho formal do Estado.

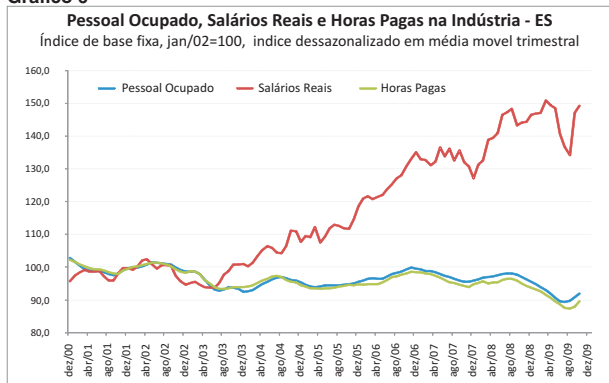
⁹ ROCHA, J. F. Emprego Formal – Dezembro/09. *Resenha de Conjuntura n.09*, IJSN. Vitória, Espírito Santo. Ano III, Jan.2010, 5p. (Disponível em: <http://www.ijsn.es.gov.br/databases/docs/2010-09.pdf>).

Gráfico 5



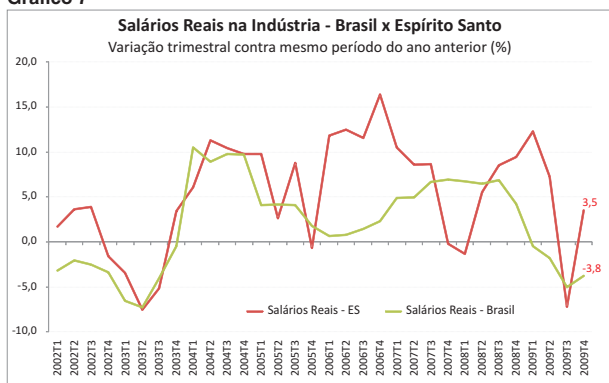
Fonte: IBGE.
Elaboração: IJSN - Coordenação de Estudos Econômicos.

Gráfico 6



Fonte: IBGE.
Elaboração: IJSN - Coordenação de Estudos Econômicos.

Gráfico 7



Fonte: IBGE.
Elaboração: IJSN - Coordenação de Estudos Econômicos.

De acordo com dados da Pesquisa Industrial Mensal de Emprego e Salário (PIMES), no quarto trimestre de 2009, comparativamente ao mesmo trimestre do ano anterior, o emprego industrial recuou -5,3% no Espírito Santo, apontando desaceleração da queda registrada no trimestre anterior (-9,0%), na mesma base de comparação. Nesse período, o comportamento negativo apresentado no terceiro trimestre de 2009 foi revertido em quatro setores: *Coque, refino de petróleo, combustíveis nucleares e álcool* (+59,0%), *Calçados e couros* (+6,3%), *Alimentos e bebidas* (+6,0%), e *Minerais não-metálicos* (+3,4%). Em particular, a queda do emprego perdeu intensidade na Indústria de Transformação (de -8,5% no terceiro trimestre para -5,3% no quarto trimestre de 2009) e Indústria Extrativa (de -13,2% para -5,5%) (Gráfico 5).

O indicador dessazonalizado de emprego industrial registrou reversão dos resultados negativos no quarto trimestre de 2009, em relação ao trimestre imediatamente anterior (+3,0%). Para o período, o crescimento registrado resultou principalmente das contribuições positivas em 12 dos 18 segmentos pesquisados, destacando-se os seguintes setores: *Coque, refino de petróleo, combustíveis nucleares e álcool* (+85,2%), *Calçados e couros* (+8,7%), *Alimentos e bebidas* (+6,7%), *Indústria extrativa* (+5,1) e *Fabricação de meios de transporte* (+4,3%). Em termos mensais, o emprego na indústria, em reflexo ao padrão consistente de recuperação da atividade industrial do Estado, registrou, em dezembro de 2009, crescimento de +1,8%, em comparação com o mês imediatamente anterior, após ajuste sazonal. O Brasil, ao contrário, registrou queda de -0,6% no emprego industrial, na mesma base de comparação (Tabela 2).

Dentro desse contexto, observa-se o alinhamento das horas pagas ao movimento gradual de recuperação no índice dessazonalizado do pessoal ocupado na indústria (Gráfico 6). No que se refere aos salários, após expressivo crescimento em novembro de 2009 (+23,8%), em decorrência do pagamento de participação nos lucros no segmento de *Metalurgia Básica* (+150,6%), a folha de pagamento real no Estado apresentou redução de -6,4% em dezembro, frente ao mesmo mês de 2008. No fechamento do ano e no quarto trimestre de 2009, os salários reais deram continuidade aos resultados positivos no Estado (aumentos de +3,7% e +3,5%, respectivamente). O inverso ocorreu para o Brasil, com reduções de -2,8% e -3,8%, na mesma base de comparação (Gráfico 7).

O crescimento da produção industrial, observado desde o início do quarto trimestre de 2009, deverá favorecer o emprego na indústria de forma mais consistente alguns meses à frente, uma vez que o mercado de trabalho reage de forma defasada a variações no nível de atividade. Isso acontece porque a recuperação da economia segue um ciclo: primeiro ocorre a retomada da demanda, seguida da recuperação da confiança do empresário acerca do cenário econômico, que resultam em aumentos na produção, e finalmente, ampliação das contratações. Portanto, após completar este ciclo e os ganhos de produtividade mantidos, é que ocorrem alterações favoráveis nos salários reais da economia.

Tabela 1 - Estoque de empregos formais por setor de atividade econômica (ES) - Taxa de Variação (%)

Setores	Sem ajuste sazonal		Com ajuste sazonal			
	dez09/ dez08	IV tri 09/ IV tri 08	dez09/ nov09	dez09/ jan09	IV tri 09/ III tri 09	Acumulado ano/ IV tri 08
Administração Pública	1,20	0,96	1,96	0,18	2,15	0,94
Agropecuária	-0,98	-3,29	0,97	0,25	3,21	-3,79
Comércio	2,47	1,91	0,40	2,78	1,52	0,35
Construção Civil	5,05	2,25	0,96	7,63	5,62	-2,04
Extrativa Mineral	-2,20	-3,64	0,36	-1,28	1,28	-3,58
Ind de Transformação	0,91	-0,52	0,53	1,49	2,70	-1,96
Serviços	4,61	3,73	0,64	4,60	1,50	1,81
Serv. Ind. de Utilidade Pública	3,95	3,25	1,96	3,57	0,06	2,43
Total	2,98	1,84	0,64	3,42	2,13	0,04

Fonte: MTE/CAGED/Lei 4.923/65.

Elaboração: IJSN - Coordenação de Estudos Econômicos.

Tabela 2 - Pessoal Ocupado Assalariado na Indústria por segmentos - ES - Taxa de Variação (%)

Seções e Divisões	Com ajuste sazonal (1)		Sem ajuste sazonal		
	dez09/ nov09 (1)	IV tri. 09/ III tri. 09 (1)	Mensal (dez09/dez08)	IV tri.09/ IV tri 08	Acumulado no ano (*)
Indústria geral	1,8	3,0	-3,1	-5,3	-5,4
Coque, refino de petróleo, combustíveis nucleares e álcool	17,3	85,2	67,0	59,0	27,1
Calçados e couro	0,7	8,7	12,7	6,3	-2,4
Alimentos e bebidas	2,1	6,7	9,2	6,0	5,6
Minerais não-metálicos	0,5	-0,4	4,4	3,4	2,5
Indústrias extrativas	1,8	5,1	0,0	-5,5	-10,1
Têxtil	-4,0	3,5	-0,9	-0,6	-3,1
Produtos químicos	5,9	-0,1	-2,9	-9,3	-13,6
Indústria de transformação	1,7	2,7	-3,4	-5,3	-4,8
Fabricação de outros produtos da indústria de transformação	-2,3	-1,6	-5,0	-5,0	-6,4
Fabricação de meios de transporte	3,1	4,3	-7,3	-14,0	-19,4
Madeira	-3,5	1,3	-7,6	-6,5	-14,4
Máquinas e aparelhos elétricos, eletrônicos, de precisão e de comunicações	-1,6	3,4	-8,2	-9,6	-11,0
Vestuário	1,6	0,3	-8,6	-9,2	-11,3
Borracha e plástico	2,8	-0,6	-8,8	-12,2	-7,8
Metalurgia básica	1,0	0,6	-10,2	-12,8	-9,8
Papel e gráfica	1,6	-3,5	-10,7	-12,9	-8,2
Produtos de metal, exclusive máquinas e equipamentos	0,6	-0,5	-16,7	-17,2	-13,3
Máquinas e equipamentos, exclusive elétricos. eletrônicos, de precisão e de comunicações	0,8	3,8	-24,4	-27,1	-13,9

Fonte: IBGE.

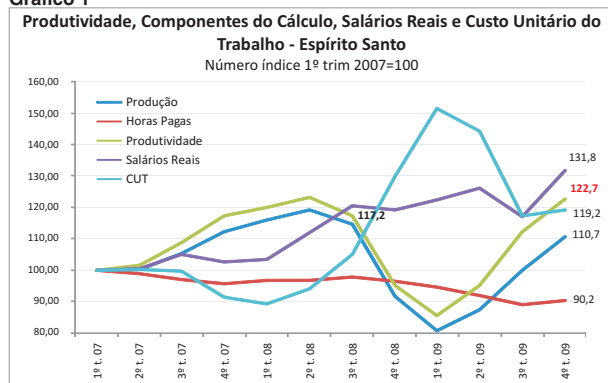
Elaboração: IJSN - Coordenação de Estudos Econômicos.

(1) com ajuste sazonal, realizado pela Coordenação de Estudos Econômicos do IJSN.

(2) em relação ao mesmo período do ano anterior.

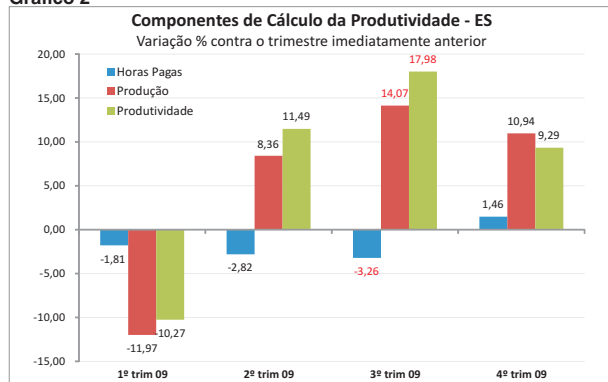
PRODUTIVIDADE INDUSTRIAL

Gráfico 1



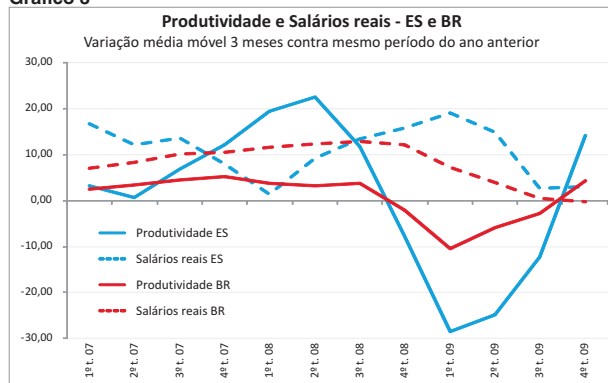
Fonte: IBGE - PIM-PF e PIMES.
Elaboração: IJSN - Coordenação de Estudos Econômicos.

Gráfico 2



Fonte: IBGE - PIM-PF e PIMES.
Elaboração: IJSN - Coordenação de Estudos Econômicos.

Gráfico 3



Fonte: IBGE - PIM-PF e PIMES.
Elaboração: IJSN - Coordenação de Estudos Econômicos.

O ano de 2009 foi, de fato, um período de recuperação da produtividade industrial para o Espírito Santo, que retomou os resultados obtidos antes do início da crise. O nível de produtividade registrado no 4º trimestre do ano passado ficou em 122,70 pontos, aproximadamente o mesmo valor alcançado no 2º trimestre de 2008, quando a economia local ainda não apresentava sinais de recessão. O crescimento da produção industrial do Estado foi o principal fator responsável pela retomada da produtividade, que está altamente condicionada ao desempenho daquela variável. Por outro lado, as horas pagas mantiveram um padrão relativamente estável, influenciando em menor proporção o aumento da produtividade. Esse aumento, por sua vez, foi acompanhado pelos salários reais e, conseqüentemente, pelo custo unitário do trabalho (CUT) (Gráfico 1).

Com exceção do 1º trimestre de 2009, quando os impactos adversos mais pronunciados da crise ainda se faziam presentes na economia, todos os demais trimestres apresentaram cenários positivos para a produtividade do Estado. Sobretudo no 3º trimestre do ano passado, quando a produção industrial obteve seu maior crescimento (+14,07%), e as horas pagas apresentaram a maior queda (-3,26%), a produtividade foi impulsionada, registrando variação de +17,98% (Gráfico 2).

Já no último trimestre do ano passado, a variação na produtividade industrial estadual foi de +9,29%, cerca de duas vezes menor que o aumento registrado no trimestre anterior. Ainda assim, o crescimento da produtividade no Espírito Santo foi nitidamente mais significativo do que aquele registrado para o Brasil (+1,73%). Além disso, contrapondo o trimestre passado em relação ao mesmo trimestre em 2008, a evolução desse indicador registrada pelo Estado foi quase o triplo daquela apresentada pelo País. Por outro lado, no acumulado do ano de 2009 (variação percentual de 4 trimestres), os resultados referentes à produtividade estadual demonstram que o Estado aparenta ter sofrido com maior intensidade os reflexos da crise recente, em comparação às demais Unidades da Federação: a queda registrada para o Estado foi de -9,53%, enquanto que, no âmbito nacional, essa taxa foi de -1,71% (Tabela 1).

Na comparação com o mesmo trimestre do ano anterior, a variação estadual ficou nitidamente acima daquela registrada para o caso nacional, com destaque para o desempenho do setor de transformação, com crescimento de +35,38%, um resultado puxado para cima por conta do aumento de +37,20% da produção na indústria metalúrgica estadual na comparação entre dezembro de 2009 e dezembro de 2008 (maiores detalhes na parte de Produção Industrial deste documento). A indústria extrativa, por sua vez, registrou o maior aumento de produtividade no Espírito Santo (+11,60%) na análise do 4º trimestre do ano passado ante o trimestre imediatamente anterior, o que corresponde quase ao dobro do crescimento apresentado pela indústria de transformação (+5,87%) ao longo do mesmo período.

O aumento acelerado da produtividade e a queda dos salários reais no 3º trimestre do ano passado fizeram com que houvesse uma convergência entre a evolução dessas variáveis, tanto no caso do Estado quanto no caso do País, aparentemente estabelecendo certo padrão de equilíbrio no mercado de trabalho industrial. Em cenário mais recente, a produtividade voltou a crescer de maneira mais acentuada e mostra certo distanciamento em relação aos salários reais (Gráfico 3).

Tabela 1 - Produtividade – ES e Brasil
Variação (%) - com ajuste sazonal

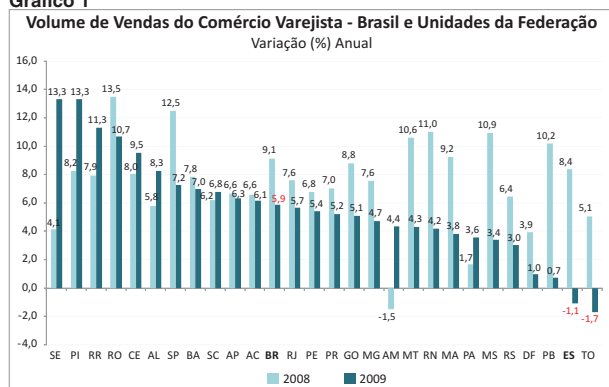
	Variação % contra trim. imediatamente anterior	Variação % 4 trimestres	Variação % contra mesmo trim. do ano anterior
Brasil			
Geral	1,60	-1,71	9,70
Extrativa	1,85	-6,61	6,49
Transformação	1,96	-1,55	9,89
Espírito Santo			
Geral	6,23	-9,53	25,37
Extrativa	11,60	-26,67	7,20
Transformação	5,87	-0,31	35,38

Fonte: IBGE - PIM-PF e PIMES.

Elaboração: IJSN - Coordenação de Estudos Econômicos.

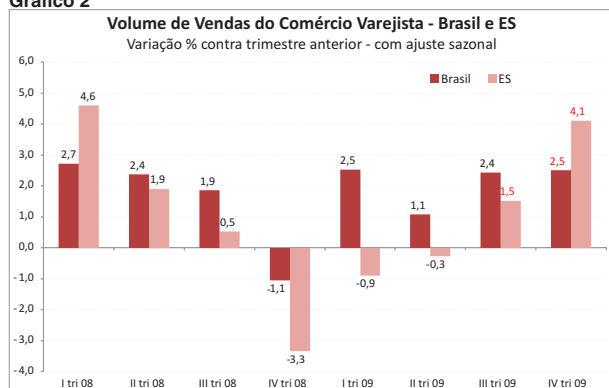
CONSUMO E INVESTIMENTOS

Gráfico 1



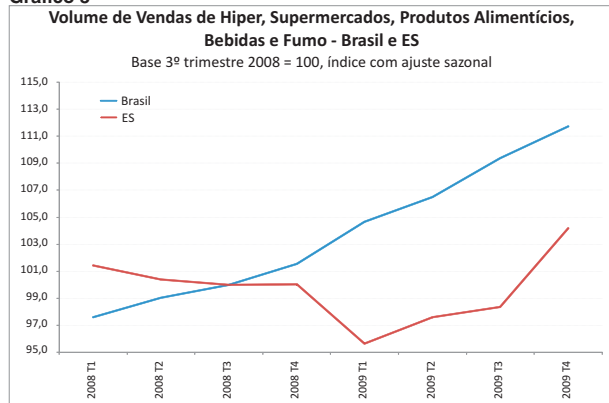
Fonte: IBGE - PMC.
Elaboração: IJSN - Coordenação de Estudos Econômicos.

Gráfico 2



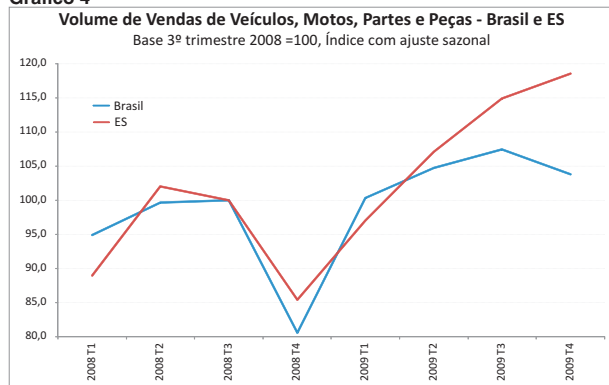
Fonte: IBGE - PMC.
Elaboração: IJSN - Coordenação de Estudos Econômicos.

Gráfico 3



Fonte: IBGE - PMC.
Elaboração: IJSN - Coordenação de Estudos Econômicos.

Gráfico 4



Fonte: IBGE - PMC.
Elaboração: IJSN - Coordenação de Estudos Econômicos.

O desempenho do comércio varejista constitui um importante indicador acerca do crescimento da demanda sob a ótica das famílias, especialmente em um contexto marcado pelos efeitos da crise econômica mundial. No Espírito Santo, o comércio varejista encerrou o ano de 2009 com queda de -1,1% frente a 2008, resultado que diverge daquele observado para a média do País (+5,9%). Dentre as Unidades da Federação, apenas o estado de Tocantins (-1,7%) registrou queda superior a ocorrida no Espírito Santo, fato que confirma a intensidade dos efeitos da crise sobre o comércio local, frente ao resto do País. (Gráfico 1).

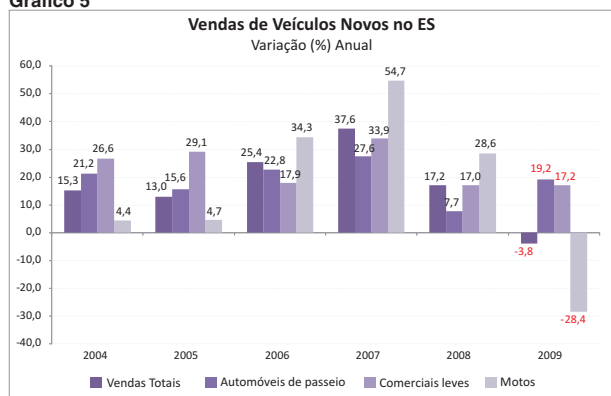
Entretanto, os dados do comércio varejista local, considerando os resultados trimestrais alcançados ao longo de 2009, apontam para uma trajetória de contínua recuperação do volume de vendas no Estado. Com efeito, no último trimestre do ano houve crescimento de +4,1% frente ao trimestre anterior, descontados os efeitos sazonais. O resultado esteve acima da média nacional (+2,5%) e evidencia o aquecimento do comércio estadual (Gráfico 2). Os segmentos que contribuíram para o desempenho observado no último trimestre do ano, em comparação ao terceiro trimestre, foram os seguintes: *Equipamentos e materiais para escritório, informática e comunicação* (+42,8%), *Livros, jornais, revistas e papelaria* (+21,5%), *Móveis e eletrodomésticos* (+8,1%), *Artigos farmacêuticos, médicos, ortopédicos, de perfumaria e cosméticos* (+7,0%), *Hipermercados, supermercados, produtos alimentícios, bebidas e fumo* (+5,9%) e *Hipermercados e supermercados* (+5,9%) (Tabela 1).

Cabe salientar que o comportamento do comércio varejista estadual guarda estreita correlação com o desempenho das vendas de *Hipermercados, Supermercados, Produtos Alimentícios, Bebidas e Fumo*¹⁰. O segmento exerce a maior contribuição relativa para a formação da taxa global do varejo capixaba, respondendo por cerca de 55% das vendas locais no mês de dezembro. Sendo assim, é importante notar o comportamento divergente do referido segmento em relação àquele observado em nível nacional, especialmente no quarto trimestre de 2008 e no primeiro trimestre de 2009, o que contribui para explicar o resultado do varejo local (Gráfico 3). Entretanto, no quarto trimestre de 2009, verifica-se uma tendência de recuperação na margem, evidenciada por meio da aceleração no ritmo de crescimento das vendas frente ao fechamento do terceiro trimestre (de +0,8% para +5,9%), repercutindo favoravelmente sobre o resultado do comércio varejista no mesmo período (de +1,5% para +4,1%).

Por outro lado, os dados referentes ao comércio varejista ampliado¹¹ do Espírito Santo revelam que, no ano de 2009, houve expansão de +6,8% frente a 2008. Nesse caso, o resultado foi influenciado, principalmente, pelo desempenho do segmento *Veículos, motos, partes e peças* (+16,7%), que responde pela maior contribuição para formação da taxa global do varejo ampliado (40%). No quarto trimestre de 2009, as vendas do varejo ampliado avançaram +1,8% em relação ao terceiro trimestre, descontados os efeitos sazonais. Nesse período, também se destaca o desempenho do segmento automotivo, que registrou crescimento de +3,2% frente ao trimestre anterior, resultado que contrasta com aquele verificado em nível nacional (-3,4%). (Gráfico 4).

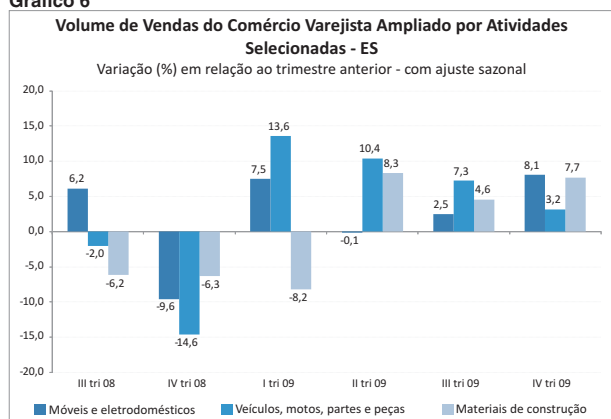
¹⁰ PANORAMA ECONÔMICO – Espírito Santo 2009. IJSN, n.4 (Disponível em: www.ijsn.es.gov.br/databases/docspe/pe4.pdf).

Gráfico 5



Fonte: FENABRAVE.
Elaboração: IJSN - Coordenação de Estudos Econômicos.

Gráfico 6



Fonte: IBGE - PMC.
Elaboração: IJSN - Coordenação de Estudos Econômicos.

No que se refere ao mercado de veículos novos do Estado, dados da Federação Nacional de Distribuição de Veículos Automotores (FENABRAVE) apontam que, embora tenha ocorrido queda de -3,8% nas vendas totais, no ano de 2009, as medidas governamentais de incentivo ao setor automotivo, aliadas à recomposição do crédito e à política de promoções das montadoras, surtiram efeitos positivos nos segmentos de automóveis de passeio e de comerciais leves, que registraram, respectivamente, elevações de +19,2% e de +17,2% no fechamento do ano. Esse bom desempenho, inclusive, superou os resultados obtidos em 2008. Por outro lado, o segmento de motos foi mais afetado pelos efeitos da crise econômica, tendo em vista, entre outros fatores, a diminuição das linhas de crédito para financiamento, encerrando o ano com retração de -28,4%, após cinco anos de expansão. (Gráfico 5).

Na análise do desempenho do comércio varejista ampliado, destaca-se, ainda, a elevação no volume de vendas de *Materiais de Construção* pelo terceiro trimestre consecutivo, na série livre de influências sazonais. Mesmo encerrando o ano de 2009 com queda de -5,3% frente a 2008, vale notar a trajetória de recuperação do segmento a partir do segundo trimestre. Assim, no quarto trimestre de 2009, o setor registrou crescimento de +7,7% frente ao trimestre anterior, superando a média nacional (+5,6%). Neste período, é importante notar os efeitos da política fiscal expansionista adotada pelo governo federal que, por meio da redução do Imposto sobre Produtos Industrializados (IPI), impulsionou significativamente o consumo local de bens duráveis, a saber, móveis, eletrodomésticos, veículos e materiais de construção. (Gráfico 06). Os indicadores do comércio varejista, portanto, confirmam as evidências de fortalecimento do mercado local, especialmente no último trimestre de 2009, em consonância com os demais indicadores apresentados, que apontam para um padrão consistente de retomada da atividade econômica no Estado.

Tabela 1 - Variação (%) no Volume de Vendas do Comércio Varejista Ampliado do Espírito Santo

Atividade	Com ajuste sazonal*		Sem ajuste sazonal		
	dez09/nov09	IV Tri 09/III Tri 09	dez09/dez08	IV Tri 09/IV Tri 08	Acumulado no ano (1)
Combustíveis e lubrificantes	0,6	0,5	-4,5	-6,0	-2,8
Hipermercados, supermercados, produtos alimentícios, bebidas e fumo	2,4	5,9	5,8	4,4	-1,4
Hipermercados e supermercados	2,7	5,9	5,9	4,2	-1,6
Tecidos, vestuário e calçados	6,2	-0,9	-4,7	-7,7	-9,7
Móveis e eletrodomésticos	3,8	8,1	18,3	18,4	8,2
Artigos farmacêuticos, médicos, ortopédicos, de perfumaria e cosméticos	-8,3	7,0	14,4	21,1	14,0
Livros, jornais, revistas e papelaria	10,4	21,5	16,9	11,3	0,2
Equipamentos e materiais para escritório, informática e comunicação	79,2	42,8	152,0	78,2	19,0
Outros artigos de uso pessoal e doméstico	-1,0	-6,4	4,7	-5,4	-15,0
Varejo - Espírito Santo	-2,1	4,1	6,8	4,8	-1,1
Varejo - Brasil	-0,4	2,5	9,1	8,8	5,9
Veículos, motocicletas, partes e peças	13,6	3,2	44,9	37,9	16,7
Material de construção	7,7	7,7	25,8	11,3	-5,3
Varejo Ampliado - Espírito Santo	9,4	1,8	21,6	18,7	6,8
Varejo Ampliado - Brasil	0,6	2,3	14,3	13,9	6,9

Fonte: IBGE.

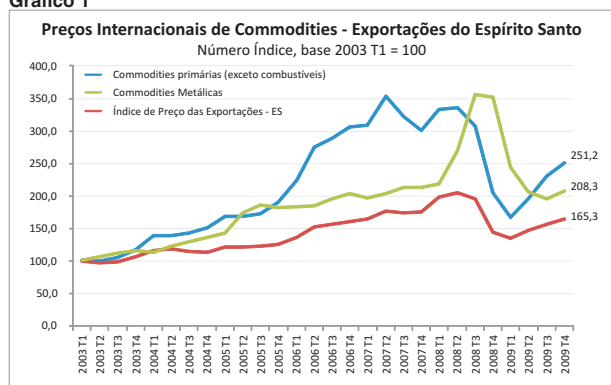
Elaboração: IJSN - Coordenação de Estudos Econômicos.

(1) com ajuste sazonal; o ajuste por atividades foi realizado pela Coordenação de Estudos Econômicos do IJSN.

(2) Base: igual período do ano anterior.

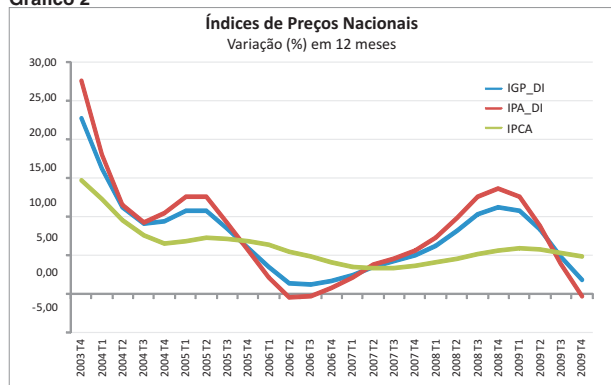
¹¹ Composto pela soma das vendas do varejo com as automotivas e de materiais de construção.

Gráfico 1



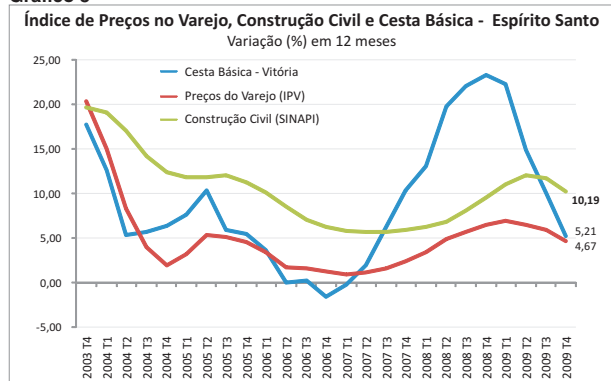
Fonte: FMI e MDIC.
Elaboração: IJSN - Coordenação de Estudos Econômicos.

Gráfico 2



Fonte: IBGE e FGV.
Elaboração: IJSN - Coordenação de Estudos Econômicos.

Gráfico 3



Fonte: IBGE e DIEESE.
Elaboração: IJSN - Coordenação de Estudos Econômicos.

A crise internacional marcou o fim de um ciclo de alta nos preços internacionais observado até segundo trimestre do ano de 2008. Os preços das *commodities* primárias (exceto combustíveis) foram os mais afetados pela crise, apresentando uma tendência de desaceleração desde meados de 2007. Localmente, as quedas dos preços internacionais afetaram de forma defasada os preços dos principais produtos da pauta de exportação estadual que, em 2008, ainda sustentavam taxas positivas de crescimento (+64,54% no acumulado no ano). Em 2009, com a consolidação de resultados mais otimistas do que previsto inicialmente para a economia mundial, já era possível notar sinais de recuperação nos preços internacionais, processo ainda incipiente no caso dos preços das exportações locais, que apresentaram queda de -38,52% em 2009 ante o ano de 2008 (Gráfico 1 e Tabela 1).

O Índice de Preços ao Consumidor - Ampliado (IPCA), tanto o componente comercializável quanto o não comercializável do índice nacional, apresentaram desaceleração entre os anos de 2008 e 2009, principalmente no caso dos itens do segundo grupo, cujas variações foram de +6,77% em 2008 e +2,60%, em 2009. No caso de itens não comercializáveis (*nontradeables*) a inflação verificada em 2009 foi de +5,40%, refletindo pressões altistas advindas do aquecimento do mercado interno, especialmente do setor de serviços, que apresentou taxas acima do índice geral. Por exemplo, os preços dos itens pertencentes ao grupo *Serviços de Saúde* cresceram +6,42% em 2009, enquanto o índice geral do IPCA cresceu +4,31% no mesmo período. Por outro lado, os preços no atacado sofreram uma desaceleração mais intensa durante o ano de 2009 (-0,21%), muito por conta das quedas nos preços internacionais mais acentuadas que a desvalorização cambial (Gráfico 2 e Tabela 1).

No Estado, os preços do varejo apresentaram padrão de desaceleração durante o ano de 2009, com variação de +2,11% ante +7,14%, registrado em 2008. Especificamente, no caso dos itens que compõem a cesta básica, este movimento foi mais intenso, registrando diferença de -23,78 pontos percentuais (p.p.) na mesma base de comparação (+20,07%, em 2008 contra -3,71%, em 2009). Importante observar que o arrefecimento dos preços no varejo, especialmente no caso de produtos componentes da cesta básica, incide sobre a renda do trabalhador, aumentando seu poder de consumo (Tabela 1).

Por outro lado, os preços da construção civil fecharam o ano com uma inflação cerca de duas vezes superior àquela apresentada pelos preços do varejo e da cesta básica, alcançando uma variação em 12 meses em torno de 10% (Gráfico 3). Este índice, por ser composto em grande parte por bens não transacionáveis com o exterior, acabou por refletir o aquecimento do mercado interno e dos programas de financiamento do governo para o setor habitacional.

Tabela 1 - Variações Percentuais nos Principais Índices de Preços

	Variações Percentuais			
	2008	2009	dez-09 / nov-09	T4/T3
Preços Internacionais				
Commodities primárias (exceto combustíveis)	-23,99	27,20	2,79	5,58
Commodities Metálicas	-36,37	44,50	5,26	8,99
Preços das Exportações - US\$	64,54	-38,52	4,30	6,73
Preços Nacionais				
Preços no Atacado - IPA-DI	13,71	-0,21	-0,29	0,02
Preços ao Consumidor - IPCA	5,90	4,31	0,37	0,89
Comercializáveis	6,77	2,60	0,66	0,16
Não Comercializáveis	6,89	5,40	1,20	0,45
Taxa de Câmbio R\$/US\$	-5,82	8,89	1,41	-6,85
Salário mínimo real*	3,08	7,22	-0,24	-0,70
Preços Locais				
Cesta básica Vitória	20,07	-3,71	-3,83	-0,11
Varejo (IPV)				
Brasil	5,60	2,76	-6,06	0,64
Espírito Santo	7,14	2,11	1,39	-0,29
Construção Civil (SINAPI)				
Brasil	11,73	5,85	0,54	0,94
Espírito Santo	12,51	6,61	0,16	0,62

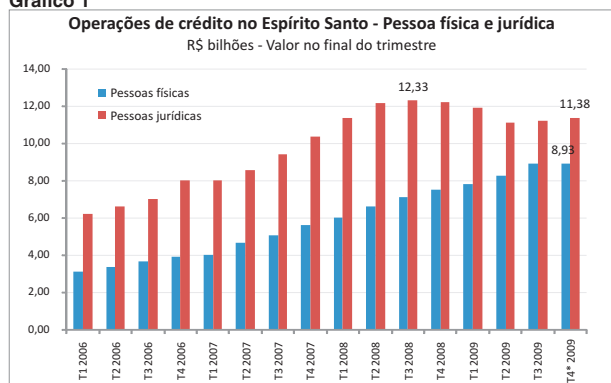
Fonte: FMI, FGV, IBGE, IPEA e MDIC/SECEX.

Elaboração: IJSN - Coordenação de Estudos Econômicos.

* Deflator INPC (Índice Nacional de Preços ao Consumidor - restrito).

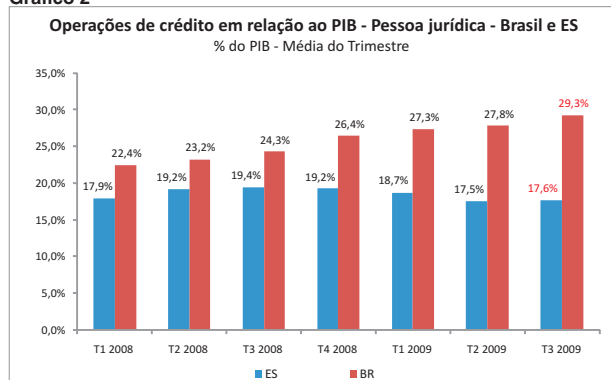
POLÍTICA MONETÁRIA E CREDITÍCIA

Gráfico 1



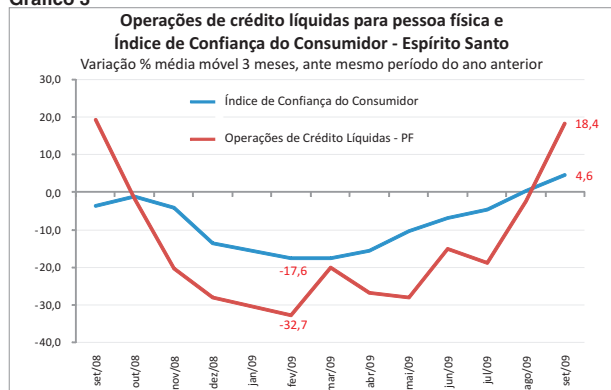
Fonte: BCB - IJSN.
Elaboração: IJSN - Coordenação de Estudos Econômicos.
* Resultados disponíveis até novembro de 2009.

Gráfico 2



Fonte: BCB - IJSN.
Elaboração: IJSN - Coordenação de Estudos Econômicos.

Gráfico 3



Fonte: BCB - Futura.
Elaboração: IJSN - Coordenação de Estudos Econômicos.

A política monetária praticada pelo Banco Central (Bacen) durante o ano de 2009 objetivou mitigar os efeitos adversos da crise financeira sobre a liquidez da economia e sobre a confiança dos agentes. Com esse intuito, em cinco das oito reuniões ocorridas no ano de 2009, o Comitê de Política Monetária (COPOM) decidiu pela redução da taxa básica de juros (SELIC), mantendo-a, a partir do mês de julho, sob a meta de 8,75% ao ano (a.a.). De acordo com a ata do COPOM, publicada em dezembro de 2009, a manutenção da taxa básica neste patamar é consistente com um cenário nacional relativamente benigno para a inflação, tendo em vista que o IPCA registrou variação de +4,31% em 2009, mantendo-se em um nível compatível com a meta traçada de +4,5% ao ano. Vale lembrar que os efeitos da política monetária sobre o nível de atividade da economia apresentam defasagens e, portanto, os resultados dessas medidas começaram a surtir efeito ao longo de 2009, mas deverão se prolongar em 2010 (Tabela 1).

No mercado de crédito, a aversão ao risco das instituições financeiras e o estancamento das linhas de crédito externas afetaram principalmente os setores ligados a atividades de exportação, que são geralmente dependentes dos recursos externos e de contratos sobre adiantamento de câmbio (ACC). No Espírito Santo, em função de seu elevado grau de abertura comercial (algo em torno de 50%), as operações de crédito ligadas a pessoas jurídicas apresentaram padrão de retração, passando de um montante de R\$ 11,91 bilhões no primeiro trimestre de 2009 para R\$ 11,38 bilhões no quarto trimestre do mesmo ano (Tabela 2 e Gráfico 1). De fato, a razão entre crédito e PIB¹² demonstra que o impacto da retração do crédito foi ainda mais intenso no Estado do que aquele verificado para a média nacional, haja vista a diferença de 11,7 p.p. entre o indicador brasileiro (+29,3%) e espírito-santense (+17,6%) no 3º trimestre de 2009 (Gráfico 2).

O volume de crédito destinado a pessoas físicas no Espírito Santo cresceu +14,2% do primeiro ao quarto trimestre de 2009, resultado puxado principalmente pelos incentivos concedidos pelo governo federal (Tabela 2). Ainda que o montante das operações de crédito tenha aumentado durante o ano, esse crescimento vem ocorrendo em um ritmo mais lento do que aquele observado no ano de 2008, acompanhando, em certa medida, as alterações do nível de confiança do consumidor no Estado. Em particular, o Gráfico 3 mostra a evolução do saldo das operações de crédito destinadas a pessoas físicas e o índice de confiança do consumidor (ICC) no Espírito Santo, com ambos os indicadores equivalendo a variações em relação ao mesmo período do ano anterior. O gráfico demonstra que a melhora da confiança do consumidor repercute sobre o montante de crédito contratado pelos agentes. A partir da inspeção desse gráfico pode-se notar que em momentos de maior contingenciamento do crédito, o ICC apresenta retrações relativamente menores: em fevereiro de 2009, mês de maior queda em termos de crédito e confiança do consumidor, o primeiro indicador sofreu uma retração de -17,6% enquanto o segundo registrou uma queda quase duas vezes maior (-32,7%). Na margem, ambos os indicadores apresentaram melhoria, com uma variação positiva de +4,6% para o ICC e de +18,4% para o saldo de crédito destinado a pessoas físicas, fato que pode vir a explicar o aumento do consumo nos últimos meses do ano (ver a seção de *Consumo e Investimentos do Panorama*).

¹² Para o cálculo da razão "Crédito/PIB" para o estado do Espírito Santo, foi utilizado o indicador antecedente de PIB Trimestral. Ver a esse respeito, BONELLI, R.; KOPPSCHITZ, E.; ABREU, P. Elaboração de um indicador do PIB trimestral. Texto para Discussão n.04, IJSN, 2009. (Disponível em: <http://www.ijsn.es.gov.br/databases/docstd/td2009-04.pdf>).

Tabela 1 - Revisões na Taxa Básica de Juros (SELIC)

Reuniões do COPOM	Meta da taxa de juros	Comportamento
Dezembro/2009 - 147ª Reunião	8,75	→
Outubro/2009 - 146ª Reunião	8,75	→
Setembro/2009 - 145ª Reunião	8,75	→
Julho/2009 - 144ª Reunião	8,75	↓
Junho/2009 - 143ª Reunião	9,25	↓
Abril/2009 - 142ª Reunião	10,25	↓
Março/2009 - 141ª Reunião	11,25	↓
Janeiro/2009 - 140ª Reunião	12,75	↓

Fonte: Banco Central do Brasil.

Elaboração: IJSN - Coordenação de Estudos Econômicos.

Tabela 2 - Operações de Crédito - Espírito Santo - R\$ bilhões

Categorias	T1 2009	T2 2009	T3 2009	T4 2009*	Variação (%) T4/T1
Pessoa Física	7,82	8,29	8,93	8,93	↑ 14,2%
Pessoa Jurídica	11,91	11,12	11,22	11,38	↓ -4,5%
Total	19,73	19,41	20,16	20,31	↑ 2,9%

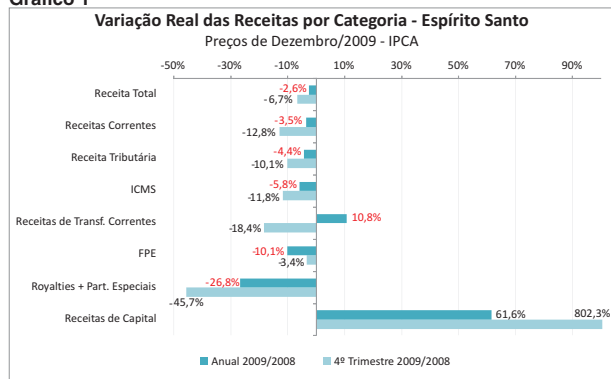
Fonte: Banco Central do Brasil.

Elaboração: IJSN - Coordenação de Estudos Econômicos.

* Resultados disponíveis até novembro de 2009.

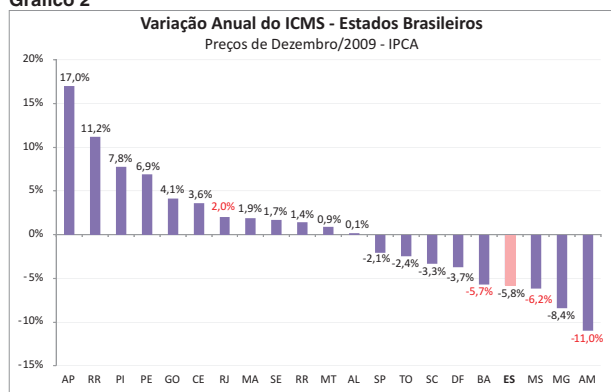
FINANÇAS ESTADUAIS

Gráfico 1



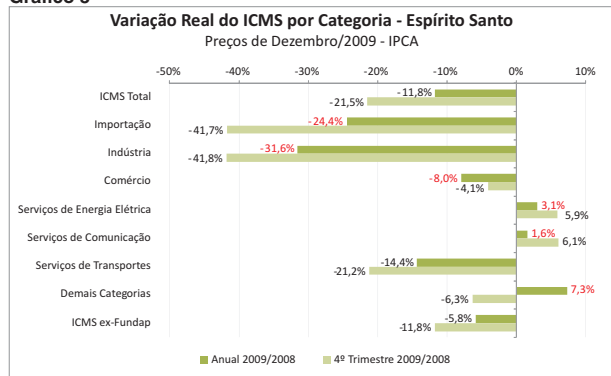
Fonte: Balanete Geral do Estado e SEFAZ-ES.
Elaboração: IJSN - Coordenação de Estudos Econômicos.

Gráfico 2



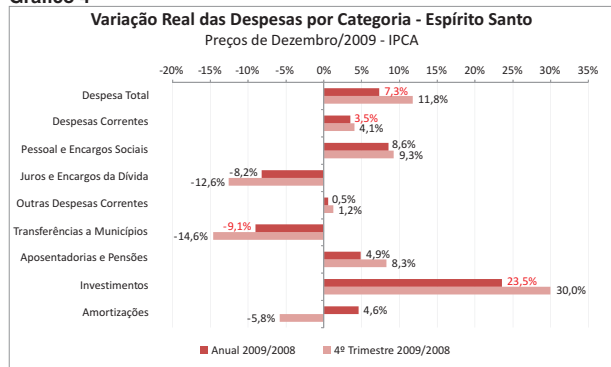
Fonte: COTEPE/Ministério da Fazenda.
Elaboração: IJSN - Coordenação de Estudos Econômicos.

Gráfico 3



Fonte: Balanete Geral do Estado.
Elaboração: IJSN - Coordenação de Estudos Econômicos.

Gráfico 4



Fonte: Balanete Geral do Estado.
Elaboração: IJSN - Coordenação de Estudos Econômicos.

O ano de 2009 encerrou um ciclo de crescimento vigoroso das receitas públicas para a grande maioria dos estados brasileiros. O enfraquecimento do fluxo da arrecadação e das receitas de transferências tem como raiz a crise financeira mundial. Enquanto em 2008, comparativamente a 2007, as receitas totais estaduais no Espírito Santo experimentaram crescimento real anual próximo de +20%, a variação entre 2009 e 2008 foi de -2,6% (Gráfico 1). Pesou na queda real da receita corrente (-3,5%), a variação negativa da receita tributária (-4,4%), cujo imposto principal, o Imposto sobre a Circulação de Mercadorias e Serviços (ICMS) exibiu padrão de retração na arrecadação (-5,8%). Salienta-se que, embora o crescimento das transferências correntes no referido período foi de +10,8%, tal crescimento não foi suficiente para impedir o resultado negativo das receitas correntes¹³.

As receitas provenientes de transferências de compensações financeiras, *royalties* e participações especiais, caíram, em termos reais, -26,8%, devido à desaceleração do preço médio do barril de petróleo tipo *Brent*, de US\$ 104,56 em 2008 para US\$ 49,35 em 2009 e ao recuo da taxa média do câmbio, de R\$ 2,10 para R\$ 1,74 no mesmo período. Infere-se que a taxa de câmbio e a queda dos preços das *commodities* tiveram preponderância sobre a queda de transferências dessa natureza, uma vez que a produção média saltou de 1,8 milhão de Barris de Óleo Equivalente (BOE) por dia em 2008 para quase 2 milhões, em 2009. Entre as transferências de maior destaque recebidas pelo Estado, o Fundo de Participação dos Estados (FPE), verificou-se uma retração de -10,1%, devido à queda da arrecadação de tributos federais, Imposto sobre Produtos Industrializados (IPI) e Imposto de Renda.

A arrecadação do ICMS nos estados refletiu as dificuldades econômicas enfrentadas em 2009 (Gráfico 2). Foram observadas quedas significativas na arrecadação do imposto em muitos estados brasileiros: Amazonas (-11,0%); Mato Grosso do Sul (-6,2%) e Bahia (-5,7%). Na região Sudeste, o único estado que apresentou desempenho positivo foi o estado do Rio de Janeiro (+2,0%). No Espírito Santo, diversas modalidades do ICMS sofreram queda real na arrecadação (Gráfico 3), com destaque para o ICMS relativo às atividades de Importação (-24,4%); Indústria (-31,6%) e Comércio (-8,0%). Por outro lado, o ICMS relativo a serviços de Energia elétrica, Comunicação e Demais categorias cresceu +3,1%, +1,6% e +7,3%, respectivamente. Estes resultados da arrecadação refletem a desaceleração da economia mundial até meados de 2009, cujos impactos se fizeram presentes sobre o setor público estadual a partir de fevereiro. Acrescente-se ainda a mudança do regime de tributação "por conta e ordem de terceiros" com o estado de São Paulo, cuja influência se deu de forma direta sobre o ICMS Importação.

Finalmente, devido à política anticíclica implementada pelo Estado com o objetivo de combater os efeitos da crise econômica, as despesas cresceram entre 2009 e 2008 (+7,3%), em termos reais (Gráfico 4). O resultado negativo das transferências constitucionais e legais do Estado aos municípios (-9,1%) já era esperado, em função do decréscimo da arrecadação do principal imposto estadual, o ICMS. Destaque especial para o crescimento moderado das despesas correntes (+3,5%) e a ampliação dos investimentos públicos (+23,5%), uma vez que o governo estadual investiu mais de R\$ 1 bilhão no ano de 2009, ante R\$ 850 milhões no ano anterior (Tabela 1).

¹³ A variação positiva das transferências é devida, basicamente, a ajustes no sistema contábil estadual.

Tabela 1 - Receitas e Despesas - Espírito Santo

	1º trim/08	2º trim/08	3º trim/08	4º trim/08	1º trim/09	2º trim/09	3º trim/09	4º trim/09	4º trim 09/08 (%)	Anual 09/08 (%)
Receita Total (I)=(II)+(III)+(IV)-(V)	2.716.028	2.877.811	2.917.590	3.301.259	2.687.833	2.889.024	2.579.745	2.853.832	-13,60	-6,80
Receitas Correntes (II)	2.847.718	2.599.160	2.853.662	3.213.089	2.629.590	2.891.815	2.545.584	2.656.777	-17,30	-6,90
Receita Tributária	1.907.640	2.062.459	2.053.910	2.227.339	1.884.920	1.991.064	1.748.241	1.792.185	-19,50	-10,10
ICMS	1.753.395	1.751.995	1.848.001	2.029.659	1.731.213	1.652.051	1.538.144	1.592.577	-21,50	-11,80
IPVA	39.937	177.624	33.937	15.734	38.514	204.586	36.771	21.202	34,80	12,70
IRRF	56.843	68.610	73.933	92.825	57.606	70.935	73.621	86.873	-6,40	-1,10
Demais Tributos	57.465	64.231	98.039	89.121	57.588	63.492	99.705	91.533	2,70	1,10
Receitas de Transferências Correntes	475.465	475.441	501.250	708.736	553.517	692.018	534.901	589.121	-16,90	9,70
FPE	195.586	192.769	173.122	191.514	175.004	184.297	142.706	188.826	-1,40	-8,30
Royalties + Participações Especiais	48.666	57.797	92.107	124.606	58.242	46.449	64.075	67.655	-45,70	-26,80
Demais Transferências Correntes	231.213	224.875	236.021	392.616	320.271	461.271	328.120	332.640	-15,30	33,00
Receitas de Capital (III)	92.810	92.356	78.987	75.321	69.194	52.373	31.226	185.777	146,60	-0,30
Operações de Crédito	27.775	39.056	19.286	15.364	5.195	13.307	6.092	160.104	942,10	82,00
Demais Receitas de Capital	65.034	53.300	59.701	59.957	63.999	39.066	25.133	25.673	-57,20	-35,30
Receitas Intra-Orçamentárias (IV)	-	416.142	217.179	271.761	228.979	202.221	243.787	276.107	1,60	5,10
Deduções da Receita Corrente (V)	224.500	229.847	232.239	258.912	239.930	257.385	240.853	264.828	2,30	6,10
Receita Total (I)=(II)+(III)	2.168.380	1.913.423	2.108.780	2.378.116	1.882.734	2.226.655	2.015.713	2.218.603	-6,70	-2,60
Receitas Correntes ¹ (II)	2.134.451	1.872.521	2.084.491	2.360.242	1.877.409	2.211.249	2.008.689	2.057.334	-12,80	-3,50
Receita Tributária ²	1.364.037	1.511.345	1.456.182	1.564.081	1.309.032	1.513.033	1.408.283	1.405.445	-10,10	-4,40
ICMS ²	1.209.791	1.200.880	1.250.273	1.366.401	1.155.325	1.174.020	1.198.186	1.205.837	-11,80	-5,80
Receitas de Transf. Correntes ³	430.911	430.873	459.955	665.224	510.826	647.994	499.184	542.995	-18,40	10,80
FPE ³	159.735	157.434	141.388	156.410	140.003	147.438	114.164	151.061	-3,40	-10,10
Royalties + Part. Especiais	48.666	57.797	92.107	124.606	58.242	46.449	64.075	67.655	-45,70	-26,80
Receitas de Capital ⁴ (III)	33.929	40.902	24.289	17.873	5.326	15.406	7.024	161.269	802,30	61,60
Despesa Total ⁵	1.847.151	2.210.912	2.239.744	3.047.411	1.953.809	2.314.413	2.355.596	3.406.820	11,80	7,30
Despesas Correntes	1.736.821	1.993.968	1.979.767	2.435.286	1.821.593	2.049.077	2.028.054	2.534.256	4,10	3,50
Pessoal e Encargos Sociais	727.018	761.584	783.005	921.230	801.911	790.888	866.925	1.006.623	9,30	8,60
Juros e Encargos da Dívida	39.842	37.887	38.902	37.844	38.935	35.486	34.314	33.085	-12,60	-8,20
Outras Despesas Correntes	969.960	1.194.497	1.157.860	1.476.212	980.747	1.222.703	1.126.816	1.494.547	1,20	0,50
Transferências a Municípios	487.848	554.816	509.937	540.209	470.024	533.272	438.730	461.084	-14,60	-9,10
Aposentadorias e Pensões	247.396	258.305	262.507	281.074	261.527	263.576	270.889	304.346	8,30	4,90
Despesas de Capital ⁵	110.330	216.945	259.976	612.125	132.216	265.336	327.542	872.564	42,50	33,20
Investimentos ⁵	48.002	162.720	198.656	551.346	62.744	165.572	241.939	716.526	30,00	23,50
Amortizações	62.329	54.224	61.320	59.740	69.472	57.275	65.481	56.271	-5,80	4,60

Fonte: Balancete Geral do Estado – SEFAZ-ES.

Elaboração: Coordenação de Estudos Econômicos.

¹ Receita deduzida dos efeitos do FUNDAP e FUNDEB.

² Receita deduzida dos efeitos do FUNDAP.

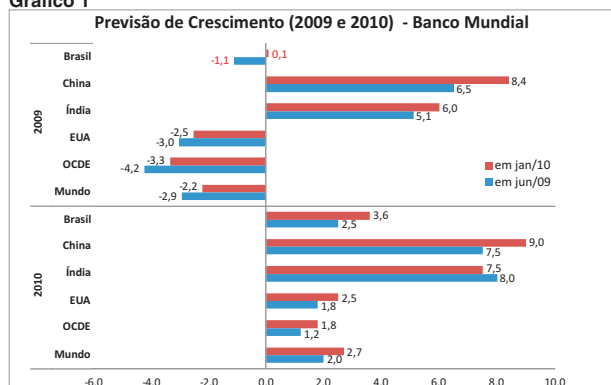
³ Receita deduzida dos efeitos do FUNDEB.

⁴ Receita deduzida dos efeitos dos leilões FUNDAP.

⁵ Despesa líquida dos efeitos das inversões financeiras devido aos financiamentos FUNDAP.

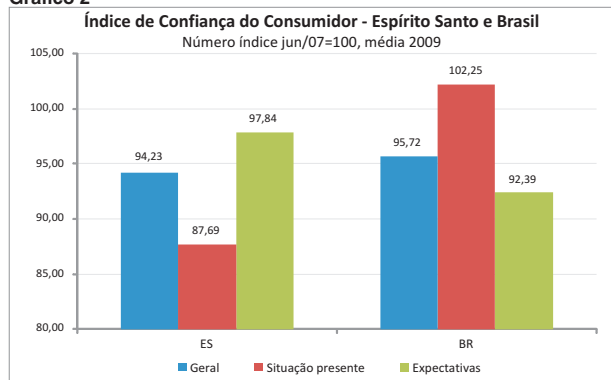
EXPECTATIVAS

Gráfico 1



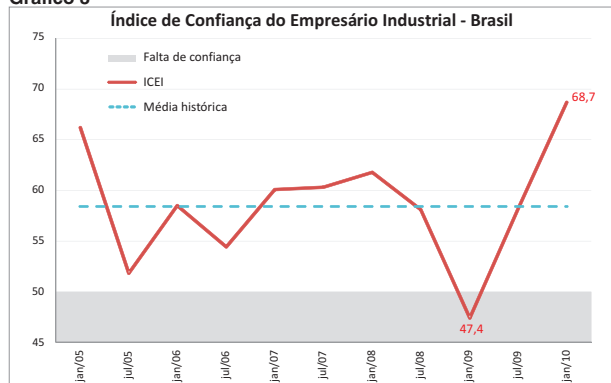
Fonte: Banco Mundial.
Elaboração: IJSN - Coordenação de Estudos Econômicos.

Gráfico 2



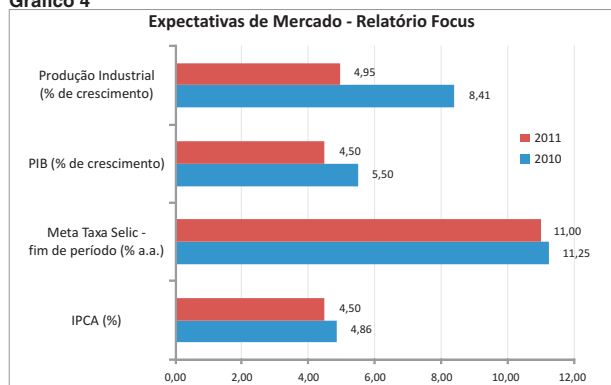
Fonte: Futura e FGV.
Elaboração: IJSN - Coordenação de Estudos Econômicos.

Gráfico 3



Fonte: CNI.
Elaboração: IJSN - Coordenação de Estudos Econômicos.

Gráfico 4



Fonte: BCB.
Elaboração: IJSN - Coordenação de Estudos Econômicos.

O ritmo de recuperação da economia mundial acima do esperado durante o ano de 2009 fez com que o Banco Mundial revisasse para cima as projeções de crescimento que havia divulgado em junho do ano passado. O documento mais recente dessa instituição, referente às expectativas do panorama econômico mundial (*Global Economic Prospects 2010*), mostra que as previsões de crescimento para 2010 são menores apenas para a Índia, conforme ocorrido na publicação anterior. Em particular, o Brasil foi um dos poucos países que deixou para trás a expectativa de recessão e passou de -1,1% para +0,1% em suas projeções de crescimento. Já para o ano de 2010, os números são positivos para todos os países analisados pelo Banco Mundial, o que já ocorria mesmo no caso das estimativas mais pessimistas de junho de 2009 (Gráfico 1).

Já no âmbito das expectativas em níveis nacional e estadual, o Índice de Confiança do Consumidor (ICC) apresentou um padrão de recuperação ao longo do ano passado, após queda acentuada registrada entre o 3º trimestre de 2008 e o 1º trimestre de 2009. No caso do Espírito Santo, esse resultado foi puxado para cima pelo "ICC - Expectativas", ao passo que para o Brasil, os consumidores têm demonstrado mais confiança em relação ao momento atual e diminuição do otimismo em relação aos próximos meses, já que o "ICC - Situação Presente" ficou bem acima do "ICC Expectativas" (Gráfico 2).

O Índice de Confiança do Empresário Industrial (ICEI) nacional também apresentou bom desempenho em 2009, após ter registrado queda acentuada em janeiro do ano passado, quando o índice entrou na área de falta de confiança (47,4 pontos) com a intensificação da crise internacional¹⁴. Em janeiro desse ano, o desempenho do ICEI demonstrou que, além da confiança empresarial ter se recuperado, esse índice atingiu o maior nível de toda a série histórica (68,7 pontos). Para se ter uma idéia, isso significa um aumento de +21,3 pontos, em relação a janeiro do ano passado (Gráfico 3).

Apesar dos bons resultados da economia em 2009, o Banco Central (Bacen) fechou o ano projetando uma retração de -0,24% para o PIB brasileiro, com deterioração de suas expectativas em relação ao final do trimestre anterior, quando a previsão era um pouco mais otimista (0,00%). A estimativa de variação para a produção industrial em 2009 também foi alterada na passagem do 3º para o 4º trimestre (-7,24% contra -7,58%, respectivamente). Essas previsões ficaram bem próximas da taxa observada, que foi de -7,4% (ver Gráfico 1 da parte de *Produção Industrial* deste documento). Por outro lado, as previsões para as outras variáveis analisadas pelo Bacen se mantiveram relativamente estáveis no último trimestre do ano (ver Tabela 1, terceira coluna, que destaca as diferenças de previsões do Bacen).

Para 2010, as estimativas demonstram cenário mais favorável para o Brasil, com projeções de crescimento de +5,50% para o PIB e de +8,41% para a produção industrial. Esse aquecimento da economia por sua vez, influenciou o aumento das expectativas para o IPCA do presente ano (+4,86%), ficando um pouco acima da taxa registrada em 2009. Dessa forma, espera-se que a meta da taxa Selic também seja elevada em 2010, passando dos atuais 8,75% para 11,25% (Gráfico 4).

¹⁴ O ICEI assume valores entre 0 e 100, com valores acima de 50 indicando um estado de confiança entre os empresários. Já o ICC varia entre 0 e 200, com valores acima de 100 indicando confiança dos consumidores. (Índice de Confiança do Empresário Industrial: www.cni.org.br. Índice de Confiança do Consumidor: www.fgv.br/fgvconfianca).

Tabela 1 - Expectativas do Mercado - Relatório Focus - Banco Central

Mediana	Previsão para 2009 feita em:		Comportamento (II) - (I)
	25/9/2009 (I)	31/12/2009 (II)	
IPCA (%)	4,30	4,28	-0,02
IGP-DI (%)	-0,16	-1,32	-1,16
IGP-M (%)	-0,61	-	-
IPC-FIPE (%)	4,20	3,77	-0,43
Taxa de câmbio - fim de período (R\$/US\$)	1,80	1,74	-0,06
Taxa de câmbio - média do período (R\$/US\$)	2,01	1,99	-0,02
Meta Taxa Selic - fim de período (% a.a.)	8,75	-	-
Meta Taxa Selic - média do período (% a.a.)	9,81	-	-
Dívida Líquida do Setor Público (% do PIB)	43,25	44,25	1,00
PIB (% de crescimento)	0,00	-0,24	-0,24
Produção Industrial (% de crescimento)	-7,24	-7,58	-0,34
Conta Corrente (US\$ bilhões)	-15,00	-20,11	-5,11
Balança Comercial (US\$ bilhões)	25,30	24,20	-1,10
Invest. Estrangeiro Direto (US\$ bilhões)	25,00	25,00	0,00
Preços Administrados (%)	4,10	4,36	0,26

Fonte: Bacen – Relatório Focus.

Elaboração: Coordenação de Estudos Econômicos.